E voltando-se p'ra nós com riso paternal
E com rosto faceto, alegre e jovial
E até sem reparar q. tinha o bonnet torto,

Disse: «Qual a alma q. não é emocionada
Ao ver estendido á beira duma estrada
Um cadaver q. pertenceu a homem morto?!»

(21-Dezembro-1897)

5

Doutra vez estava ele em pé, grave, magestôso,
Co'a capa á espanhola com bandas de setim
A prégar-nos, a nós, discurso primoroso
Que o tornou vermelho quando chegou ao fim.

«Numero 1, diga-me lá, e com cuidado,
Porque é q. o angulo tem só dois elementos?
Vamos, responda-me, não fique atrapalhado
E não lance, repare, as palavras aos ventos.»

Mas o numero 1 calou-se e o segundo,
Guardou, tambem, na mesma um silencio profundo.
Ao primeiro perguntou 'inda mais outra vez.

Mas o silencio foi sempre o mesmo e pertangado.
E ele então, erguendo a voz, como inspirado,
Disse: « São 2 os elementos porq. não são tres! »

(21-Dezembro-1897).

6

D'uma outra vez (então o tempo estava bom
E o sol brilhava no azul da Imensidade...)
E dizia o Professor, com um grave plastron,
Que a existência de Deus é a suprema verdade:

« A existencia de Deus é o mais racional
Que neste mundo podemos conceber.
E' bastante vermos q. todo o animal
Desde o seu nascimento vive até morrer...

As aves vôam na atmosfera do céu...
E os rios vão p.ª o mar, mansos, sem um boleu,
E matéria é tudo, tudo, o q. em si subsiste;

E os ventos cruzam-se em varias direcções,
E o sangue parte, em nós, dos nossos corações,
Muito regularmente... Logo: Deus existe! »

(1-Janeiro-1898)

Perdõe-se a incorrecção dos versos pela boa vontade de troçar um bocado com o velho mestre, caturra emérito, que de vez em quando largava a sua calinada e que nós, em regra generosos, considerávamos como homem capaz de uma ou outra maldade. Pelas datas marcadas vê-se que num só dia produzi nem mais nem menos do que cinco sonetos — o que foi, na verdᵉ., passar a marca.

Mas, enfim, aí ficam como documento do ambiente escolar. Que ele dissesse tudo que ficou na versalhada, é natural que não; mas que ele tinha escorregadelas semelhantes, isso é verdade. Não quero mentir, de certo; mas a do soneto nº. 5, creio que é autêntica, e a memória já me não afirma se uma ou outra também o foi.

E como estava com a pena afiada contra os mestres e habilitado em sonetos, lembrei-me dum outro que englobasse o professorado liceal; e segundo a nota que tenho presente, foi na aula de Introdução, 5º ano, que escrevi este que se segue, aos 22 dias do mes no mês de Dezembro, certamente na vespera das ferias do Natal. Aí vai sem qualquer emenda:

Aos meus Professores

«clara certidão de verdade...»
Fernão Lopes: Crónica de D. João I, cap. I da 1ª. Parte.

O Liceu de Coimbra é fertil em variedade
De caras professorais raras no genero humano:
Vêem-se ali algumas caras de maldade
Como é, por exemplo, a cara do Hermano...

Vê-se, também ali o Manso barrigudo
E o Silvio Pelico, jovem literato;
Vê-se o D. Tomás, filosofo cabeludo
E o armazem de História, o grande Fortunato!

E o torto Serrasqueiro q. usa de mesinha,
O todo calvo, triste e grave Teixeirinha
E o olhar inteligente e fino do Torré;

E o Fernandes Costa de presença boa,
O grande janota e casquilho do Pessoa
E o bom do Clemente com seu lindo bonnet...

Ora o soneto necessita duma explicação, isto é, de que se diga quem são os professo-

D-22

res visados. Seguem-se os nomes pela ordem por que vêem na versalhada:

Hermano José Ferreira de Carvalho: já aqui falado a pag. 131. Acrescentarei que era mt.to pârco, usava cabeleira grande, á romantica, e tinha os dêdos sempre queimados do tabaco pois fumava constantemente.

José Joaquim Manso Preto, tambem aqui falado a pag. 111, ligeiramente. Era bacharel em Matematica, autor de livros didacticos, muito gordo e bonacheirão.

Silvio Pelico Lopes Ferreira Neto, formado em Direito, recentemente nomeado professor pela reforma de Jaime Moniz. Bom latinista, segundo se dizia e boa pessoa

D. Tomás de Noronha, ainda estudante de Direito, professor interino, salvo erro. Era baixo, usava grande cabeleira que lhe dava aspecto um tanto ou quanto ridiculo. Poeta, pertencia ao grupo do Afonso Lopes Vieira e Candido Guerreiro e João Lucio. Depois de formado foi para a India como professor e levou consigo a Rosa Espanhola, amante do Lopes Vieira, rapariga que deu certo brado em Coimbra, etc. etc. Veiu depois a casar com ela, sem cerimonia.

Fortunato de Almeida, já aqui citado a pag.ª 131 e 141-143 era, como disse, já conhecido como historiador. Já nesse tempo tinha ganho um prémio literario com a sua obra O Infante de Sagres (Porto, 1894).

José Adelino Serrasqueiro, professor de Matematicas. Era estrabico, temperamento m.to irritavel; usava constantemente da frase: « Irra! senhor!... » quando se zangava, o que era m.to vulgar.

Manuel Joaquim Teixeira, conhecido por «o Teixeirinha» Já aqui falei dele a pag. 150 e devo acrescentar que fiquei com a impressão de ser bom homem.

António Torné, bacharel em direito, m.to inteligente e culto. Homem serio, bom professor modernisado. Diziam-no republicano. Manteve sempre quer como professor quer como cidadão, a mais perfeita dignidade.

Francisco José Fernandes Costa, bacharel em direito, advogado. Homem inteligente, voluntarioso. Já era, ao tempo, considerado chefe republicano. Homem culto, bom professor mas talvez pouco atento á profissão.

Francisco Pessoa, professor de ciencias naturais. Se me não engano, creio que era

doutor de capelo, mas não admitido a Facul
dade de Filosofia. Foi mais tarde meu profes
sôr nas disciplinas de Introdução, 4.º e 5.º anos
e fiquei com boa impressão do homem.

Posto isto, continuêmos.

Deveria ser por esta altura que tambem
tentei, nem mais nem menos, uma opereta
de costumes. Era insaciavel! Queria abar
car todos os generos literarios; felizmente o
fôlego não me chegava p.ª tanto. Tudo me fi
cava no começo. Guardei tambem, nos Pe
cados Velhos esse atentado dramatico que não
passou do começo do 1.º acto e não tive cora
gem de rasgar. Lá fica.[1]

No meu intimo, porem, devia impôr-
se a Historia. E é nos mêses de Junho e Ju
lho, com exames á porta, que eu tradusi e
quiz prefaciar e anotar; um artigo acerca
da 1.ª descuberta da Australia que encontrei
numa revista suiça que meu tio José Augus
to Pimenta me deu.[2] Era a idéia patriotica

---

[1] A pag. 353-356

[2] George Collingridge: Première decouverte de l'Australie a pag. 199 e seg.tes do Bulletin de la Societé Neuchateloise de Geographie, t. VI (1891).

da prioridade dos portugueses no descobrimento da grande ilha do Pacifico que me levava á obra. Guardei a tradução, juntei elementos não me lembro já de que especie, com tenções de, com vagar, me abalançar a obra erudita, minuciosa, que desbancasse as prevenções estrangeiras.

Ha pouco ainda, ha cerca de meia duzia de anos, encontrei na papelada amontoada em uma gaveta, o volume manuscrito com a tradução. Olhei-a complacentemente durante um tempo preguntando a mim mesmo para que me servia aquilo; enchi-me de coragem e rasguei o volume, cuidadosamente escrito como sempre fazia e lancei tudo no cesto de papeis velhos. Algum tempo depois lembrei-me de que poderia entregar o manuscrito na secção dos cimélios da Biblioteca da Universid.e; sempre era mais uma bugiganga para juntar a tantas outras q. por lá ha. Já não fui, porem, a tempo.

Como se vê e eu, agora, em velho, estou tambem a ver, a caracteristica da minha activid.e intelectual nesta quadra da vida era o começar obras de certo vulto e deixa-las no principio ou pouco mais adeante. Havia, de

certo, alguma ancia de producção, mal orientada, evidentemente, ou até, talvez, sem qualquer orientação; e daí o desastre muito natural, independentemente, é claro, de as obras projectadas não serem para as minhas possibilidades.

Fiz tambem outras traducções: uma em verso solto duma poesia de C. D. af Wirsen: _O abade de Cluny informa Heloïsa da morte de Abelard_ [1]; outra de um apólogo de D. Leopoldo Cano [2]. A primeira em Março, a outra em Setembro, no periodo de férias que passei em parte na Quinta da Guarda Suplesa de meu tio João Caetano para acompanhar minha Avó e minha tia Amelia da Conceição enquanto ele ia ao Gerez, á sua cura de aguas.

Esta quinta que meu tio formou de um monte agreste e pedregoso, comprado

---

(1) Poeta sueco. A tradução foi feita sobre tradução franceza de Göran Björkman e Brinn'Gaubast, publicada na pag. 234-236 da revista _Arte_ de Eugenio de Castro (Coimbra, 1895-1896). Ficou no vol. de _Poesias_, a pag. . . .

(2) Poeta espanhol. A poesia vinha na mesma revista _Arte_, supra citada, a pag. 14. Ficou no mesmo vol.e de _Poesias_, a pag. . . .

A quinta da Guarda Inglesa, vista do lado do Sul, ou seja do lado de S.ta Clara.

Exemplar de um dos avisos p.ª as reuniões.

pouco depois do regresso do Brasil, era um refugio agradavel de que eu gostava muito nos mêses de verão. Eu e minhas Irmãs iamos para lá repetidas vêzes; e á-parte os passeios e corridas pela quinta, passávamos horas a folhear ilustrações ou, segundo a frase corrente, «a ver bonecos» — entretenimento que me dava prazer e em que, possivelmente adquiri o gosto pela gravura e muitos conhecimentos de arte.

Meu tio João Caetano tinha grande coleção de revistas e boas (das quais quase todas me vieram parar ás mãos) e á vista da reprodução de obras de arte, de retratos de homens celebres e de monumentos, era maneira amêna de adquirir variadas noções, como na verdade aconteceu. E ainda hoje gosto de folhear volumes de ilustrações, das antigas, que me lembram o passado

A casa, construida á beira da estrada para Taveiro, era uma excelente habitação onde meu tio tentou, por vezes, reunir os musicos da terra para concertos pacatos: o Ribeiro Alves, o velho Macedo, pianista, o Augusto Pais, o Machado, violoncelista e outros de que me não lembro, aos quais punha no lar

go da Portagem, a certa hora da tarde, um char-à-bancs de transporte que depois os ia pôr a casa terminada a sessão.

Eram noites boas, bem passadas, mas que em regra, eles, os musicos, não compreendiam e daí, com o tempo, começaram a espaçar até que acabáram. Meu tio tinha uma musicoteca importante: qualquer q. fosse o numero e qualidade de instrumentos, que se tocassem, ele tinha sempre musicas proprias para o conjunto. Era um "carola" por aquele genero de reuniões; mas, apesar dos avisos impressos com gravuras, do char-à-bancs e da ceia que dava sempre, a serie de sessões não foi muito grande.

Desinteresse, pouca compreensão, algum egoismo, até, a verd.e é que essas belas reuniões acabáram.

O certo é que, no fim do ano lectivo, lá fiz o meu exame de Introdução (5.º) sem novidade de maior. Era professor (assim como no ano antérior) o Dr. Francisco da Costa Pessoa, velho casquilho, boa creatura que diziam ter capelo na Facul.de de Filosofia Natural e não fôra admitido ao magisterio universitario. Era atencioso, e interessava-se pelos alunos;

mas ensinava á antiga, quer a Fisica quer a Quimica, apenas em teoria, com raríssimos exemplares de aparelhos. Era casado com uma senhora de apelido Neiva, com prosapias de nobreza, muito feia e, segundo as más línguas, um tanto ou quanto heroína na sua mocidade. O palacete onde viviam ao cimo da rua das Fangas (onde hoje está a Legião) tem um brazão dos Cabrais; não sei se pertenceria á familia dum ou de outro; do que me lembro bem é de que o timbre do brazão, que é uma cabeça de veado com grandes armações, dizia-se que correspondia á cabeça do chefe da familia.

Seria ou não seria assim. O que é certo é que o Dr. Pessoa era boa creatura e aturava os rapazes com brandura e boa vontade.

E com o exame de <u>Filosofia</u> pela segunda vêz, terminei o meu curso liceal, apto, pois, para entrar na Universidade. Mas este segundo exame de <u>Filosofia</u> tem que contar.

A certa altura do ano, o Dr. Clemente, o <u>Burro de Balaão</u> foi substituido, como disse, pelo Dr. Teixeirinha; o curso, contudo, era uma desgraça, revelava-se refractário a Filosofia daquele velho professor caturra e es-

tava em perspectiva nova derrocada no fim do ano. Eu não sei o que se passou nos bastidores; o que sei e de que me lembro é de q. o dr. Antonio de Vasconcelos contou a meu tio Albino da Silva que no conselho de professores do Liceu se chegou á conclusão de que ter de cór o compendio do dr. Clemente equivalia a não fazer qualquer ideia do que era Filosofia e que seria nova barbarid^e. reprovar quase todo o curso — e eu voltaria certamente a ser reprovado. Chegado áquela conclusão, o mesmo conselho resolveu aprovar toda a rapaziada e afastar do ensino, com bons modos, o velho professor que aliás já tinha idade que justificasse a resolução.

Para a primeira parte do proposito nomeou um juri que foi composto pelo Dr. Vasconcelos (não me lembro se era, então, o reitor) e pelos professores liceais dr. Teixeirinha e dr. Carlos de Mesquita a quem já em quaisquer passos me referi.

E' claro que isto só foi sabido mais tarde e os primeiros rapazes que foram ao exame iam com mêdo. Felizmente verificámos que a craveira do primeiro dia era benigna e tudo saiu aprovado; creou-se nova alma

e assim o curso se viu livre daquele pêso, rogando pragas ao velho ~~filosofo~~ de quem se contava que dizia habitualmente ~~[illegible]~~ nas aulas:

— Em Portugal há, nos nossos tempos, tres filosofos: o falecido dr. Alves de Sousa; o sr. dr. Costa e Almeida[1] e ... o terceiro a modestia não consente que o mencione...

Devo declarar que nunca lhe ouvi isto; mas afirmava-se que o dissera muitas vezes. Creio, porem, que o afastamento do ensino o abalou; meteu-se em casa, na rua do Loureiro, um bom prédio antigo, e veio a morrer passado algum tempo.[2]

Com este exame de filosofia, o ultimo, estava novato universitario, um pouco ainda indeciso acerca da carreira que seguiria. Era isto para mim, até então, problema dificil se bem que mais ou menos se indicava a Escola Naval como destino.

---

(1) Respectivamente autores dum Curso de Filosofia Elementar q. teve muitas edições e de outro Curso de Filosofia Elementar (Porto, 1895).

(2) Morreu a 5 de Dezembro de 1906, creio q. no Lugar da Pereira, com 75 anos.

Eu gostava da ideia que me fantasiava viagens e uma ou outra aventura pelo mundo; minha Mãe, porem, mostrava certo desgosto que contrariava meu Pai a quem as costelas de homens do mar davam certa satisfação de ter um filho oficial da Armada.

Vieram as ferias que em parte passei na Guarda Inglesa, em parte na Figueira da Foz e ainda com uma escapada á Ribeira Ruiva, nos arcos de Torres Novas, a casa da familia dos irmãos Duques.

Foi uma semana alegre, com excursões aos Olhos de Agua, perto da Ribeira, nesse tempo local deserto e pitoresco; e com dois dias passados na Azinhaga de Santarem, na foz do Almonda, onde havia manadas de gado bravo que eu pela primeira vez vi de perto. Quer a ida quer a volta da Ribeira Ruiva para a Azinhaga fez-se em burros mal albardados, valha a verdade, em todo o caso caminheiros.

Estava então com os dois irmãos Mario e Raul Duque, o Armando Duque primo direito deles, bom companheiro e desembaraçado. Eu levára o meu violino e como eles tinham guitarras e violões, de noite, ao luar,

(pois era tempo dele) faziamos serenatas quer na aldeia da Ribeira quer na Azinhaga, pelas lezirias.

Lembro-me bem de que, quando voltámos da Azinhaga para [redacted] a Ribeira resolvêmos atravessar a vila de Torres Novas tocando, montados nos burricos. Era noite, já, mas ainda cêdo, quando entrámos na vila pelo lado do quartel então de Artelharia; os animais parece que gostavam da musica e caminhávam sem porem quaisquer duvidas; a população ria-se do exotismo daquela tuna ambulante; e quando nós passávamos em frente do quartel junto do gradeamento da parada, demos vivas ao «desarmamento geral!...»

Nessa altura andava em discussão, lá fóra, salvo erro, por iniciativa da Russia, a necessidade do desarmamento; e eu, com o [redacted] anarquismo ainda fresco, desafiei os tres companheiros aquela manifestação — que se fez calorosamente, de punho fechado na direcção do quartel e com gritos bem claros e fortes. Certamente, no quartel, o vozear não foi bem avaliado; um soldado que passeiava junto ás grades ainda disse qualquer coisa como

«não bêbedos!» ou frase semelhante. E deste modo passámos a vila, a tocar qualquer <u>ordinario</u> e a dar vivas subversivos...

Bons tempos.

Assim as ferias, mais ou menos, foram passadas despreocupadamente; e é então que surgem as minhas primeiras <u>cartas</u>, a quererem ser epistólas literarias, e os meus primeiros versos de amor.

A epistolografia que sempre me seduziu e é hoje quase vicio, começou então por cartas ao Aurelio da Costa Ferreira, a descambaram pretenciosamente em literatice. Foram duas que deixei copiadas tambem pretenciosamente.[1] Li em qualquer parte, ha pouco, que a epistolografia era o grande molde em que se aperfeiçoava a forma literaria. Talvez comigo isso se désse.

Quanto aos primeiros versos de amor, nasceram duma paixoneta que, por merecer o devido recato e respeito, não terá aqui lugar. O episodio sentimental surgiu sincero, manteve-se sincero por uns anos e acabou, do meu lado, por circunstancias

---

[1] Nos <u>Pecados</u> <u>Velhos</u>, pag.ª 235 e 237.

que me abalaram e ainda hoje mal explicadas, mas a que não consegui fugir.

Porem, por toda a minha vida e em especial com o aproximar da velhice, o desfecho forçado tem-me produzido uma espécie de vago remorso e provoca-me a interrogação, para comigo, a que não ouso responder, se procedi ou não procedi bem.

Já lá vão, creio eu e salvo erro, uns 56 anos; mas este meio seculo e tal não me apagou ainda a duvida da lisura ou integridade do meu procedimento; e em alguns momentos de meditação sinto que me inva de certa comoção confrangedora ao pensar que a minha possivel ligeireza de proceder e talvez a fraqueza em não quebrar com preconceitos, poderia ter escangalhado uma outra vida — afinal tão merecedora de atenção, tão digna de um pouco de ventura e de alcançar algum bem estar espiritual, como desejava para mim.

Desse episódio, ainda duradoiro para ser só episódio ficaram versos e rebates de consciencia; os versos, ha uns 20 e tal anos, rasguei-os por ocasião em que me atormentavam as duvidas que ao espi-

rito me acudiam. Hoje, a memoria mal reconstitue um ou outro verso; na maior parte eram sonetos a que quiz dar o tom de bucolismo camoneano e eram, a tradução de sincerid.e, a expressão ingenua e respeitosa das primeiras emoções amorosas que os meus dezoito anos experimentaram e mau viveram com a boa-fé que sempre me dominou em quase todos os actos da vida.

Os versos desapareceram. Não desapareceu porem a tal duvida que ainda me rói a consciencia (e não poucas vezes) quando me ponho a ~~[illegible]~~ olhar para traz, para esta minha existencia tão contraditoria que não fui capaz de equilibrar em mais de meio seculo e tem andado aos encontrões da maldita rosa dos ventos.

<u>Quinta da Paz</u>
(S.to André de Mafra):
18 a 29 de Agosto
de 1956.

IV

«... des souvenirs de jeunesse nous reviennent en foule et nous font sourire, dans la mélancolie de l'age mur, d'un sourire indulgent...»

Theof. Gautier: *Souvenirs romantiques*, pag. 46.

Estava, pois, estudante universitário verdade seja que um pouco aos encontrões, com dois *chumbos* ás costas que me atrasáram um ano e, verdadeiramente, sem um destino ainda fixado.

A Escola Naval?

Eram esses os meus desejos e os de meu Pai, mas não eram os de minha Mãe; não me lembro bem já das razões da minha matricula no 1º ano da faculdade de Matematica, sem me matricular em Fisica, cadeira essencial para a Marinha; talvez a descida

D - 28

do limite de idade que se dizia ser alterado para menos com o fim de poder ser admitido o filho mais velho do Conde de Arnoso que parece não tinha grandes condições de entrada.

Já me não lembro. O que sei é q. me matriculei em Algebra Superior e em Química Inorganica, na classe de voluntario; tinha por professores, respectivamente o Dr. Henrique de Figueiredo e o Dr. Francisco José de Sousa Gomes. Matriculei-me tambem nas duas cadeiras do Desenho, a do matematico e a do filosofico em que eram professores o bacharel José Luis de Andrade Mendes Pinheiro e o grande mestre António Augusto Gonçalves

Durante o ano procurei sempre evitar as _praxes_, quer entrando á Porta Ferrea a horas de aulas quer saindo pela Porta de Minerva ou ainda mercê das relações com um bedel, cujo nome me esqueceu, pelo portão da rua do Norte.

E foi então que comecei a frequentar a Biblioteca não só por gosto de consultar livros, principalmente as cronicas, como para fazer horas de desaparecerem

os praxistas das portas do Pátio e ao sair livremente. E assim passei o ano lectivo até ao dia do ponto sem qualquer novidade.

Achei sempre degradante a praxe, principalmente as troupes; e degradante para quem as praticava como para quem as sofria — e ainda hoje assim penso sem me arrepender.

E' claro que continuei a ser mau estudante; não sei se por pouca queda para as disciplinas se por preguiça intelectual de natureza.

Conheci então outros rapazes entre os quais me lembro o Afonso Veríssimo de Azevedo Zuquete, rapaz de talento que foi depois engenh.º distinto; o José Esteves da Conceição Mascarenhas que ha pouco morreu general e era o ministro da Guerra que estoirou o movimento de 28 de Maio; o D. Fernando de Lencastre, que tocava violino com certo desembaraço e ainda hoje é medico em Lisboa, creio que considerado; o Antonio de Lago Cerqueira, de Amarante, que se formou em medicina e foi ministro dos Estrangeiros se me não engano, numa situação "democratica"; e posso ainda citar o Leonardo

Coimbra, o notavel professôr e filosofo que tanto barulho fez com as suas doutrinas e a sua posição quando foi ministro da Instrução, pela prim.ª vez, em 1919. Com excepção do Fernando Lencastre, já todos morreram.

Mas, entre tantos, quero salientar o Augusto Bivar Xavier de Azevedo Salgado, do Sardoal, com quem me liguei muito e que veio a morrer ha pouco em Lisboa; foi meu companh.º de quarto na Escola do Exercito. Rapaz, fino, delicado por natureza e por consequencia bastante susceptivel perante certas garotices dos companheiros; bondoso, afectuoso, era creatura que se distinguia no meio do prosaismo e rudeza do ambiente academico.

Deveria ser tambem por este tempo que comecei a dar-me com o José Colaço Alves Sobral, filho do farmaceutico Sobral com farmacia na rua Larga, esquina para a rua de S. João. Era um excelente rapaz, muito sério, afectuoso, cheio de bondade, trabalhadôr, com quem mantive sempre as melhores relações de amizade até á sua morte, desgraçada, em 1929, em Fevereiro ou Março. Formou-se em Filosofia e concor-

reu depois ao professorado da Escola de Farmacia onde sentiu sempre á sua volta certa má vontade devida ao seu espirito liberal. Casou tarde já, com uma senhora mais nova bastante, muito digna, de familia de tradições muito liberais e até revolucionárias, mas dotada de espirito acanhado que os padres moldáram depois em estreitamente beato.

Aconteceu até que um dia, aí por o ano de 1913, depois de casados, remexendo em caixotes que ficáram duma tia dela, o bacharel Joaquim de Almeida da Cunha que foi maçon, revolucionario da Patuleia e creio que secretario geral do Govº Civil de Coimbra, encontraram grande quantidade de livros maçonicos, não só tratados relativos á historia e liturgia da Ordem como livros e folhetos de combate e polémica daquele agitado periodo dos meados do seculo passado. Ela, pobre discipula de colegio fradesco, horrorizou-se com a descoberta e quiz logo queimar tudo e purificar a casa... Ele, porem, conciliador e calmo, fez-lhe ver q. estava ali um bom manancial para a Historia e que seria criminosa a sua destruí

ção; e acrescentou que tinha um amigo que apreciaria tudo com m.to agrado. Esse amigo era eu. E na verdade, o José Solural correu a m.a casa, contou-me o sucesso e eu mandei logo um portador buscar o conteúdo dos malfadados caixotes — conteúdo que veio enriquecer a minha biblioteca com belos exemplares de folhetos e obras de polemica, aparte livros muito bem encadernados (que para mim já não tinham tanto interesse) relativos a liturgia e organização maçonicas.

Como havia exemplares repetidos dos folhetos de polemica, dei alguns ao general Franc.o Augusto Martins de Carvalho que ficou muito contente porque os não possuia e outros á Biblioteca da Universid.e cujo director, ao tempo, era o Dr. Mancôco e Sousa que, por isso, me ficou muito grato e manteve depois comigo as melhores relações.

Quando, casualmente, mexo nesses livros, que ainda conservo, lembro-me sempre deste episodio e desse bom José Solural que viveu mais ou menos com dificuldades de vida, mas sempre prestavel e atencioso e veio a morrer novo, como

disse, em 1929. Era um bom e serio rapaz, encarou a vida com coragem mas infeliz em quase tudo.

Outro rapaz com quem me liguei bastante foi o Alfredo Maria Rego que morreu juiz de direito. Era rapaz sossegado, bem educado e, conquanto não fosse inteligencia por aí alem, nem grande vivacidade de espirito, era curioso, procurava cultivar-se e tanto assim que chegou a fazer um compendio de Geografia que, se me não engano, foi adoptado nos liceus.[1] Tocava bandolim e era conhecedor de assuntos musicais; se me não engano tinha certas composições suas que foram tocadas por grupos musicais da cidade. Casou com uma senhora irmã do dr. Eugenio Sanches da Gama, teve um filho que andou a estudar em Coimbra. Perdi de vista toda a familia, depois da morte dele, então juiz não sei em que terra. Era boa pessoa e tive-o sempre por homem sério.

---

[1] Portugal e suas colonias. Historia e Geografia. Compendio para a VII classe dos Liceus e III ano das Escolas Normais. — (Coimbra, 1914).

Um outro, ainda, que quero deixar bem notado: o José Maria Dias Ferrão que conheci por intermedio do Mario Duque, meu companheiro de estudo. Era um rapagão forte, entroncado, de familia de Vila Chã de Poiares com prosapias afidalgadas duns vagos Castelos Brancos de que havia um brasão no portal do solar.

Fôra destinado á vida eclesiastica ~~com~~ á qual se não adaptou e mesmo antes das primeiras ordens saiu do Seminario e repetindo duma assentada os exames liceais entrou para a Faculd.^e de Direito. Era, então, simpatisante, em ideias, com o Socialismo e dizia-se adepto da escola de Benoît Malon. Dei-me muito com ele e com ele discuti muito acerca das teorias socialistas e anarquistas; como já era homem, mais velho uns 4 ou 5 anos que a media dos rapazes e vivia bem, sem dificuldades pecuniárias e tinha trazido do Seminario certa preparação que, com a renuncia ao estado eclesiastico o tornára espirito positivo, mantinha uma tal ou qual supremacia no meio academico e, em sua casa, no n.º 19 da rua da Matematica reuniam-se alguns estudan-

tes para conversar e para discutir acerca dos mais variados assuntos.

Depois de formado foi advogar para a Lousã e Poiares; casou com a filha unica dum poiarense muito rico, brasileiro já de volta; a pouco e pouco, foi descendo do Socialismo de Malon para o partido regenerador do Hintze Ribeiro de que veiu a ser admirador e governador-civil de Vila-Real de Traz-os-Montes. Alem disso, mudando a residencia para Lisboa, tornou-se capitalista de certo pêso e continuando na evolução, creio que morreu no seio da Santa Madre Igreja.

Da convivencia dos tempos de rapaz devo dizer que veiu certa amizade que manteve comigo sempre embora, de certa altura em deante, eu não procurasse muito as relações porque não me sentia bem com os modos que ele veiu a tomar depois apesar de, aliás, serem sempre, para mim, de benevola bonhomia. Com o Mario Duque aconteceu coisa identica; apesar de intimos e companheiros de estudo, o Mario começou a afastar-se até que raras vezes se encontravam. O Mario manteve-se

D-25

sempre republicano liberal, correctam.te sem alardes ou espalhafatos e não levava a bem a evolução retrograda ou transformação do socialista caturra de outros tempos em regenerador façanhudo.

Devo dizer ainda que o José Ferrão me aturou sempre, com atenção e interesse, quando eu lhe expunha as minhas fantasias e os meus planos; e com o tempo vim a saber por terceiras pessoas, que ele conservava por mim consideração e estima e até me chegáram a dizer certa admiração — não sei bem porquê.

Foi isso, decerto, que o levou um dia ao pedido para eu lhe prefaciar um trabalho histórico.

O caso foi este e em resumo:

Na Lousã e em Poiares, quando advogava, dedicou as horas feriadas a um trabalho que aliás começára anos antes segundo julgo, ácerca da historia e desenvolvimento do seu concelho. E na verdade escreveu uma monografia a que pôz o titulo: Concelho de Poiares. Memoria historica, descritiva, biografica, economica, administrativa e critica; e um dia mandou-me

as folhas impressas com uma carta em que me solicitava um prefacio...

Eu respondi logo agradecendo, mas fazendo-lhe ver que um prefácio devia ser feito sempre por creatura já consagrada e com autoridade para poder apresentar o autor ou desconhecido ou que começa. O Fernão concordou mas insistiu, queria que fosse eu a prefaciar o livro. Era ainda a antiga convivencia de Coimbra que ele mantinha com a estima por mim e a impressão do meu saber e cultura de que eu notava ele estar convencido — o que me levava, francamente, a duvidar da sua perspicácia.

Li pois com atenção as folhas e, para dizer a verdade, na parte histórica (que era aquela em que me poderia alargar) não encontrei grande consistencia; fiquei perplexo, confesso, sem saber como haveria de sair do aperto. Não queria, evidentemente, censurar a obra que era, de facto, feita com boa vontade e intenção de acertar; mas tambem louva-la, não estava m.to no meu feitio e critica-la como devia ser era tarefa superior a q. me não abalançava.

Depois de matutar bastante, sai-me da dificuldade com um prefacio incolor e insipido e... não sei se modêsto.

Falei primeiramente dele, autor, lembrando os tempos de estudante; e só depois é que me larguei a falar da obra que considerava util, proveitosa, feita com escrupulo, boa vontade e persistencia, ligando o Passado dos prim.os capitulos com o Futuro dos ultimos em que analisava a situação do concelho, etc. etc. Melhor ou pior desobriguei-me e a coisa lá saiu no volume in-4.º, nas primeiras paginas, integralmente; disse-me ele depois que desejaria mais uma critica severa, com emendas e censuras, do que o que eu escrevi — mas agradeceu com sinceridade.

Era isto ainda no tempo em que ele se mantinha (ou parecia manter) dentro dos principios quase revolucionarios com que o conheci; mas nessa altura já ele entrára na evolução intima e, digâmos, secreta, que a perspectiva dum casamento rico, muito rico até, o havia de levar a politico militante do partido regenerador, a grande capitalista e certamente á pra-

tica do Catolicismo. Só mais tarde o vim a saber; e talvez por isso certas afirmações do prefacio lhe não soariam muito bem.

Coisas da vida que já não teem remedio mas que ainda me causam certa tristeza — e que davam azo a não me sentir bem com ele.

De vêz em quando escreviamos cartas afectuosas, ele interessava-se pelos meus trabalhos e... a vida corria sem mais entraves.

Falarei dele ao longo destas notas, em muitas ocasiões.

Ora voltando aos meus atentados literarios, devo assinalar que em Setembro de 1898, estava eu na Figueira da Foz muito absorvido pelo episodio sentimental já referido, quando escrevi um soneto de forma mais ou menos camoniana mas com intuitos de simbolismo (tudo podia ser naquelas meus 18 anos!) a que dei o nome de Narciso e que foi a minha primeira obra impressa.

Lembro-me de que, feito o soneto, o mandei copiado ao Antonio Aurelio da Cos

ta Ferreira então na Foz ou em Matosinhos em casa dum tio paterno a passar as férias; e de que ele me respondeu em carta que conservo e que, na ocasião, me encheu de vaidade. Devo confessar a vaidade que me causou a carta que hoje, serenamente, com mais 50 anos de idade, calculo ser de encoberta e amável chuchadeira. Ao tempo, porém, convencido de q. os meus versos valiam de alguma coisa, a carta-crítica foi para mim quase a concessão de brazão de nobreza...

Recordo-me de que essa carta foi recebida num Domingo em que havia toirada e de que a meti na carteira quando fui para a praça de toiros; no meio da corrida puxei dela e a reli com certa comoção, e alheio ao bulício natural do espectáculo, indiferente, nesse momento, ao que se passava ao meu redór. Creancice, evidentemente, mas... que não fazia mal a ninguem.

Esse soneto foi publicado no ano seguinte na Gazeta da Figueira, no mês de Abril por pedido feito ao seu director e proprietario o bom e bonacheirão Augusto

Veiga, antigo tipógrafo e ao tempo jornalista, conimbricense de origem e já então figueirense de adopção.[1] Não assinei, é claro, não tive essa coragem; o tal complexo de inferiorid.e não me deixou pôr o nome á claras e usei dum pseudónimo com as mesmas iniciais: Bernardino Prado.

Esta é que foi a minha primeira obra impressa. Quando em 1953 publiquei o opúsculo *Cinquenta anos depois* não fui inteiramente verdadeiro. E' certo que me referia ao prim.º artigo ou seja obra em prosa; mas a verd.e é que os 50 anos deveriam ser celebrados em 1948.

E agora, neste ano lectivo de 1898-99, surge novamente em mim a ideia de nova *academia*. Expuz o caso ao Mario Duque e ao José Ferrão que eram os rapazes com quem mais me dava; estes que, ao tempo, lidávam muito de perto com os rapazes duma *republica* da rua das Esteirinhas, perto do teatro de D. Luis, comunica-

---

[1] No n.º 752 da *Gazeta* de 29 de Abril de ~~18~~ 1899, 3.ª pag.ª Novamente publicado na *Resistencia*, de Coimbra, n.º 476, de 14 de Setemb.º do mesmo ano, na 3.ª pag.ª E como saisse com muitos

ram-lhes os meus planos que foram acéitês com certo interesse que me admirou um pouco e que só mais tarde compreendi.

Os rapazes que se interessáram eram o Albano de Peiça Moncada, de Direitô, ha pouco falecido creio que directôr do Banco de Angola; não vivia na republica mas frequentava-a muitô; era rapaz ponderado, sério, correctô, muitô estudioso e procurava cultivar-se; seguiu a magistratura colonial onde ganhou nome e ao voltar ao continente, já com esta situação politica, aproveitaram-lhe as qualidades de aprumo e probidade e deram-lhe papel predominante no Ministério do Ultramar. Os outros rapazes eram da casa: Manuel Duarte Videira e José Joaquim Montenegro Sá Mesquita Paúl, de medicina, dos quais falarei em breve mais de espaço.

Eu era o entusiasta e por isso o organizador; eles eram, na verdª, associados e pareciam interessar-se pela empresa mas era necessario andar atraz deles. No entre.

---

erros, fiz com que fosse outra vêz publicado no nº 478 de 21 do mesmo mês, da dª Resistencia. Pª primeira obra impressa, teve má sorte.

tanto ainda consegui, durante este ano lectivo, umas 13 sessões a que vulgarm.^te^ presidia o já bacharel em Direito Manuel Augusto Martins, madeirense, antigo estudante da _republica_ e que ainda por cá andava não sei já porquê.

Era homem já feito. No começo da vida fôra professôr primario e viéra para Coimbra formar-se com certa idade, « pái velho » como se dizia na giria academica do tempo. Espirito muito arguto, culto, ponderado, estava nas condições de presidir a reuniões desta ordem em que a natural viveza dos rapazes nem sempre dava a compostura devida.

A _academia_ era quase _de omni re scibili_ com o aditamento voltaireano _et quibusdam aliis_; e por isso, naturalmente, não havia regulamento ou estatuto escrito. Pelas notas que tomei e guardei se poderá ajuizar o que aquilo foi:

Depois de alguma discussão foi aprovado que a _Academia_ tivesse certo numero de _cadeiras_ para as quais se teria de concorrer primeiro por « defesa de teses e de

dissertação» (como na Universidade!...) e depois por actos de concurso que constaria de defesa duma dissertação e dum ponto dado pelo presidente depois de reunião dos outros rapazes.

As cadeiras aprovadas eram as seguintes, divididas em tres grupos:

1.º Grupo: Direito civil, Economia politica e Direito publico;

2.º Grupo: História geral, História portuguesa e História literaria;

3.º Grupo: Fisiologia geral e Medicina legal.

Como se vê o mecanismo tinha certas complicações — mas eu não desanimava e como fui da ideia não esperei que outro se apresentasse primeiro e logo requeri a «defesa de tese e de dissertação.» A inauguração fez-se a 26 de Janeiro de 1899, numa saleta da república da rua das Esteirinhas, e lembro-me de que o acto se revestiu de certa gravidade, presidido, se me não falha a memoria, pelo Manuel Augusto Martins.

Eu exultava, como era natural. Via em marcha a minha ideia, acarinhada ha

muito, desde os tempos do Liceu, como contei atraz, com reduzido numero de bons companheiros. Agora o numero de académicos era maior como maior a amplitude da acção.

A dissertação que apresentei tinha por titulo: Luis de Camões e o P.e José Agostinho de Macedo. O arguente foi o José Maria Dias Ferrão. A 1.ª tese proposta era assim designada: Impotencia dos meios governamentais para reprimir o movimento anarquista. Foi arguente o Mario Duque. A 2.ª tese: O Anarquismo é irrealizavel. E' impossivel ao homem viver em perfeita união (frase de Tolstoi). Arguente: Albano de Saiça Moncada.

Reunido o juri, fui aprovado com 15 valores...

Tres dias depois houve nova sessão. Era o José Ferrão que se apresentava com a dissertação: Constituição de 1826 em que foi arguente o Mario Duque. As teses propostas foram: 1.ª: O casamento é inadmissivel; a 2.ª: O Estado não é um contracto mas sim uma concepção organica em que argumentaram respectivamente o José

Joaquim Sá Mesquita Paul e eu. Reuni do o juri, conferiu 15 valores ao José Ferrão, como conferira a mim.

Quatro diás depois, terceira sessão: apresentava-se o Sá Mesquita Paul. A dissertação intitulava-se: _Depois da morte, é preferivel o inferno ao céu_ em que eu fui arguente. Já me não lembro da maneira como decorreu a discussão, mas quero imaginar o que seria dado o ambiente da _republica_ e da maioria dos rapazes academicos. O ateismo era, até certo ponto, luxo — luxo que, depois, na vida pratica, nem todos conservaram. As teses oferecidas foram: 1ª: _O homem quando quizer será Deus. Deus foi creado pelo e não este por aquele_ (arguente o José Ferrão); 2ª: _O miope deve usar lunetas durante o sôno_ (arguente Manuel Duarte Videira). Estas teses deram-me a impressão de que o Sá Mesquita Paul não tomava muito a serio a _academia_ e mais tarde assim verifiquei; mas o que eu queria éra que a empresa seguisse como na realidª seguiu. Esta sessão realizou-se a 2 de Feverº e o Paul aprovado com 15,2 valores.

E, com efeito, a empresa ia seguin-do melhor ou pior. Eu estimulava e lá ia conseguindo o resultado.

Em 8 de Fevereiro, seis dias depois da 3ª sessão, realizou-se a quarta em que se apresentou o Mario Soares Duque. A dissertação intitulava-se: A forma monarquica e a forma republicana em que argumentou o José Mª Dias Ferrão. As teses foram: 1ª) Refutamos a classificação de direitos originarios apresentada no Codigo Civil; admitimos só o 1º, 2º e 4º membros; 2ª) A religião tem sido contraria ao progresso e inutil á humanidade. Da primª fui eu o arguente e recordo-me mto bem que dei raia, o que aliás era de esperar; da segunda foi arguente o Albano de Seiça Moncada. Aprovado com 16 valores.

As classificações iam subindo e o interesse ia aumentando.

A 23 de Fevereiro apresentou-se o Manuel Duarte Videira que não propôz dissertação mas substituiu-a por uma tese. Foram elas: 1ª: A Vida é propriedade da Materia; arguente: José Ferrão; — 2ª: A Higiene é contraria á saude; arguente: Dá Mes

quita Paul; — 3ª: O mistério da Imaculada Conceição em face da Ciencia é falso; arguente: Albano Moncada mas que, á ultima hora foi substituido pelo José Ferrão. Aprovado com 16 valores.

Tres dias depois, a 26 do mesmo mês sessão em que se apresentou Albano Moncada. A dissertação tinha por titulo Pacto ou Contracto Social em que eu argumentei á maneira de mil diabos. As teses foram: 1ª: As palavras «dominio» e «publico» não exprimem ideias antagonicas em que argumentou o José Ferrão; — 2ª: Admitimos a classificação de coisas apresentada no nosso Codigo Civil em q. foi arguente o Mario Duque. Aprovado com 15,5 valores.

Com esta sessão completou-se o que nós chamávamos o «doutoramento» dos seis fundadores. Era necessario, agora, preencher as cadeiras que eram oito e para isso teriamos que concorrer á cadeira que preferiamos. O maquinismo, como se vê, estava muito influenciado pelo regime universitário; sem querer e apesar de um tanto ou quanto rebeldes, íamos cair na engrenagem do «Tasco...»

O certo é que logo no dia 2 de Março imediato realizou-se o prim.º concurso.

Os concursos constavam de um ponto dado pelo juri e a defesa duma dissertação e tinham o mesmo cerimonial presidido pelo dr. Manuel Aug.to Martins.

Quem prim.º requereu concurso foi o José M.ª Dias Ferrão e á cadeira de Economia Politica. Foi, como disse, a 2 de Março e o ponto que lhe saiu foi: Escolas intermédias da Economia Politica em que argumentaram o Mario Duque e o Albano Moncada o primeiro sobre o ponto, o segundo sobre a dissertação que se intitulava: Historia dos economistas portugueses. Foi aprovado e com 17 valores, a classificação mais alta que até aí se dera.

Estava pois preenchida uma cadeira e a faina continuou.

Em 9 de Março apresentou-se o Sá Mesquita Paul a concurso p.ª a cadeira de Medicina Legal e Higiéne. O ponto que lhe saiu tinha extenso enunciado: A ginastica e higiéne devem ser usadas sempre ou sómente em certas idades? Deve-se empregar o hipnotismo nos tribunais para desco

brir a verdade? Foi arguente o Dr. Manuel Augusto Martins que foi substituido na presidencia pelo catedratico José Mª Dias Ferrão. A dissertação constava de Algumas palavras sobre a higiene do estomago em que foi arguente o Manuel Duarte Videira. Aprovado com 16 valores.

Seguiu-se o concurso do Mario Soares Duque aos 12 do mesmo mês de Março. O ponto que saiu foi: Guerras Punicas. Esquecia-me de dizer que a cadeira a que concorria era a de Historia Geral. A dissertação intitulava-se: Historia da Internacional. Ligeiros esboços. Os arguentes foram o José Ferrão e eu; e a aprovação foi dada com 20 valores — a mais alta classificação concedida até aí.

A 19 do mesmo mês apresentou-se a concorrer á cadeira de Fisiologia Geral o Manuel Duarte Videira. Ponto: A digestão; dissertação, tambem A digestão; o arguente unico, pois o assunto era o mesmo, foi o Sá Mesquita Paul. Foi aprovado com 17 valores.

O Albano de Seiça Moncada apresentou-se para concorrer em 16 de Abril se-

guinte mas declarou que não fizera disser-tação. O ponto era: _Aguas_ e foram arguen-tes o Mario Duque e o José Ferrão. Mere-ceu aprovação com 16 valores. Porem, de-pois, não me lembro se no mesmo dia se no outro, o concurso não foi considerado valido por falta da dissertação. Assim diz uma nota escrita por mim na relação dos concursos que aqui tenho presente, mas sem indicar o dia da resolução.

Seguiu-se, então, a 23 do mesmo mês de Abril, o meu concurso á cadeira de _Historia Portuguesa_. O ponto foi: _Funda-ção da Monarquia Portuguesa_ e arguente o Mario Duque. A dissertação tinha titulo de grande calibre de que falarei adeante: _Ave-riguação e critica da data das viagens q. João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira fizeram ás ilhas do Porto Santo e Madeira_ etc. Foi o arguente o José Ferrão que procurou redu-zir a zero o valor do trabalho, com certo gaudio dos circunstantes. No fim, deram-me 12 valores... — a classificação mais baixa dada até então. Lembro-me muito bem de que não gostei, senti-me ferido na minha vaidade de historiador _in herbis_

D. 27.

de que percebi que havia na resolução bastante espirito de troça; mas fingi que não ~~…~~ era nada comigo para não anular os esforços e não dar cabo da academia.

E a vida continuou...

Aos 7 de Maio seguinte o José Ferrão faz concurso para a outra cadeira de Direito Publico. Saiu para ponto: Constituições politicas dos Estados Unidos da America do Norte em que argumentou o Mario Duque; a dissertação tinha por titulo: Teoria das revoluções politicas e revoluções politicas em Portugal em que eu argumentei. Foi aprovado com 17 valores.

Nesta sessão ficou resolvido que a cadeira de Historia Literaria, do 2º. Grupo, fosse desdobrada em duas: Literatura Geral e Literatura Portuguesa.

E assim terminou o ano lectivo da academia porque se aproximavam os exames; mas ainda se realizáram 13 sessões um pouco acima das minhas previsões.

Eu tomava o caso a serio; mais tarde vim a ~~…~~ perceber que os outros academicos sem deixarem de ter certo interesse pela empreza tinham outra finalidade ~~…~~

que vai adeante revelada e que a minha pessoa era objecto de curiosidade por vêzes galhofeira.

Só o Manuel Augusto Martins como mais velho e já afastado das partidas academicas é que conversáva comigo de outro modo, quase paternalmente, animando-me nos meus trabalhos e dando conselhos uma vez por outra — o que fez com que lhe ficasse afeiçoado.

O certo é que, querendo dar o exemplo, fui o primeiro, como disse acima, a apresentar «dissertação» e, como se vê pelo elenco deixado atraz, foi de catégoria elevada: Camões e o P.e José Agostinho de Macedo. O José Ferrão, que argumentou, usou dos modos aprendidos na sala dos capelos nos actos solénes de téses ou conclusões magnas e descompoz o trabalho e o autor á bruta, como era do seu feitio um tanto ou quanto rude. Mas eu não me julguei vencido, o que desejava era ver andar a academia e aguentei com cara alegre a descompostura...

A «dissertação» era, na verdade, um tanto ou quanto arrojada. Ainda a

conservo, em papel proprio do tempo. Consistia em estilo "patriotico„ em uma intensa defesa dos Lusiadas e grande tareia no P.e José Agostinho, tudo com muitas citações para alardear erudição. Traçava ligeira biografia dos dois e, na esteira de Latino Coelho, fazia menção das varias epopeias de mais nome para as subalternizar perante a de Luis de Camões; e, entrando no exame do Oriente procurava mostrar a sua inferiorid.e e exaltar a superiorid.e dos Lusiadas. Ainda são 67 paginas de papel de dissertação como no tempo se usava, seguidas de 3 pag.s de bibliografia para atestar não só o processo de trabalho como as basofias de erudito...

Bons tempos de entusiasmo!

Ás vêzes, quando neste rapido declinar da vida me ponho a pensar na vida e neste episodio da minha mocidade, pergunto porque é que me abalancei á tarefa de agremiar rapazes despreocupados para discussões a sério e para escrever «dissertações», tambem a sério, sobre assuntos da maior ou principal predilecção? Não sei já dizer o que se passaria no meu inti-

mo ao querer organizar tais agrupamentos e a teimar na sua manutenção e no seu desenvolvimento. A verdade é que persistia na tarefa, indiferente a uma ou outra galhofa dos colegas académicos e a esta ou aquela desfeita como a dos 12 valores do concurso...

Enfim... Assim se passou, neste ano lectivo, a temporada académica que terminou em Maio já nas proximidades do ponto e por consequência dos exames q. obrigávam a mais cautelas. Mas a ideia não se perdeu e ficou combinado que no ano lectivo imediato se continuaria com a obra e até com mais amplitude.

Paralelamente com esta tarefa científico-literaria, havia um outro agrupam.to de rapazes musical e dramatico a que pertenci com o meu violino; parece-me que não terão interesse para estas m.as notas tais pinçaratas que no sector musical era dirigido pelo António Casimiro Guedes Pessoa, de Penacova, um brutamontes ao mesmo tempo bom rapaz que não completou o curso dos Liceus e veio a entrar no quadro administrativo onde chegou a che-

fe da secretaria da Câmara da sua terra natal, cargo em que morreu depois de vida um tanto ou quanto acidentada.

No sector dramatico havia varias direcções e, devo dizer, fracas direcções. Ainda se deram espectaculos em Penacova e na Lousã que tiveram apenas o mérito da alegria dos rapazes e da natural simpatia das raparigas das localidades.

Deste grupo e dos seus ensaios nasceram algumas serenatas sentimentais em que eu fazia gemer o meu violino com fadinhos ternos acompanhado por guitarras e violões; ás vezes, o Raul Duque que tocava um pouco flauta, organizava comigo um dueto em que o Fado era sempre o motivo principal. Corriamos as ruas do bairro novo de S.ta Cruz, especialmente a avenida de Sá da Bandeira onde morava uma rapariga a quem o Luis Alberto de Oliveira, ao passar á porta, cantava com a sua excelente voz de tenor, umas quadras apaixonadas.

E se havia luar e o ceu estava limpo de nuvens, então essas serenatas eram verdadeiramente sentimentais...

Hoje não ha serenatas em Coimbra. Esta situação politica que governa ha trinta anos, entendeu que as serenatas são perigosas e proibiu-as. Situação politica tradicionalista, acabou com uma das mais interessantes e inofensivas tradições academicas.

De certo para... maior gloria de Deus e satisfação de quem manda.

Quanto aos atentados poeticos é claro que continuáram embora com menor efervescencia por causa dos trabalhos da academia que eu não queria largar. Apareceram então uns vilancetes galantes, forma nóva que me seduziu, alem de outros sonetos sentimentais que, como disse, inutilizei.

Mas levado pelo interesse (se não posso chamar entusiasmo) da academia, preparei um trabalho historico para apresentar no concurso a uma cadeira, trabalho que désse brado e justificasse o meu empenho pela instituição. Dei-lhe o nome pomposo de Averiguação e critica das datas das viagens que João Gonçalves o Zar-

co e Tristão Vaz Teixeira fizeram ás ilhas do Porto Santo e Madeira quando andavam explorando a costa africana por mandado do Infante D. Henrique — o Mestre da Ordem de Cristo. Estudo historico feito á luz das cronicas por...[1] Depois copiei-o em papel de linho farpado, em 4.º, com margens e mandei-o encadernar em pergaminho...

Ficou especie bibliografica de luxo.

Ora este estudo foi bem o reflexo da influencia deixada pelo Dr. Antonio de Vasconcelos: a investigação miúda e funda dum sucesso qualquer, com grande rodapé nas paginas por dá cá aquela palha, com extensa bibliografia e até com o proprio titulo desenvolvido e pretencioso a lembrar o da obra já aqui falada sobre a Rainha Santa para a qual fiz a gravura da capa. Era oferecido ao Mario e Raul Duque, irmãos, aos quais, de entrada, em carta escrita em estilo empolado a querer ter sabor arcaico, explicava o que era a obra e prometia continuar em tais trabalhos «para vos apresentar coisa melhor e q. de vós seja digna...»

[1] Ver atraz, pag. 209.

Pois a obra, a esse respeito, saiu completa e perfeita. Mas hoje, passados mais de 50 anos, vê-se que tudo aquilo nada vale, é um autentico castêlo de cartas sem consistencia que o mais lêve sopro faz cair. Acumulei argumentações e raciocinios a esmo, com a boa vontade dos meus dezoito anos, sem experiencia, apenas com a ância de dar largas ao desejo intimo ou inclinação de temperamento que me levava a "historiador."

Recordo-me bem de que senti certa vaidade quando terminei a obrinha, convencido de que fizera coisa boa. O José Ferrão é que, no dia do concurso em que ela foi discutida, não esteve com meias medidas e desancou-a, como disse acima; quiz reduzi-la a zero e, como o exemplar estava elegante, bem escrito em papel de linho farpado, terminou por dizer que o valor do trabalho estava no papel e no aspecto grafico — e o meu merito era o ser tipografo de bico de pena...»

Nunca me esqueci desta "classificação" que, na altura, me magoou mas que

D.-28

deixei passar sem remoques por amôr da academia. Cinquenta e tantos anos passados, confesso que lhe acho certa graça.

Mostrei um dia o trabalho, no verão seguinte, a meu tio José Augusto Pimenta que leu por alto e não deu opinião — não sei se por não querer dizer que nada valia e não me desanimar se por não saber fazer qualquer comentario. Só protestou contra as frases respeitantes ao P.e Antonio Cordeiro, a pag. 82-83; dizia eu que este escritor se contradiz «flagrantemente» e que «não tem portanto merecimento» e «não tem criterio...» E concluia, como explicação: «O P.e Cordeiro era jesuita.»

O tio tinha certa razão contra a minha jesuitofobia, apesar de eu, em nota a esta ultima tirada, querer justificar que não a escrevi por «intransigencia e odio para "com os Padres da Comp.ª de Jesus...»

Bons tempos.

Enfim, estava lançado na triste via da Historia que, na verd.e, me apaixonava um bocado e que pela vida fóra se me proporcionou alguns momentos de satis-

fação intima, não me deu qualquer compensação material aproveitavel.

Ora, ao mesmo tempo, a constante convivencia com musicos e os pequenos concertos quasi diarios em nossa casa, a que já aludi, e a minha fertil fantasia levaram-me a pensar numa composição musical que cheguei a começar com todo o atrevimento dos 18 para 19 anos. O atentado era, nem mais nem menos, um poema sinfónico sobre um capitulo da _Morte de D. João_ de Junqueiro!

Esta obra de Guerra Junqueiro impressionára-me, principalmente na introdução; li-a e reli-a com certo entusiasmo e o capitulo que me pareceu melhor para ser _musicado_ foi o da entrada do Dom João na igreja e dos seus comentarios perante os caixões presentes.[1] Seria musica a que hoje se chama impressionista; e ainda cheguei a compôr umas paginas de papel proprio, ao piano, instrumento que arranhava de ouvido. Depois repetia

---

(1) Capitulo _IV_, _Ruinas_, da 2ª Parte. A paginas 179-210 da 11ª edição.

em violino. E o mais curioso do aventado é que ia compondo para sexteto: piano, violino, violeta, flauta, violoncelo e contrabaixo, com todo o descaramento e todo o desembaraço dum ignorante em composição.

Um dia, lembro-me bem, mostrei a obra começada ao José Ferrão, no seu quarto da rua da Matemática, n.º 19; e com a exuberancia do costume expuz-lhe o plano e entoei as principais frases já escritas. A musica, para o José Ferrão, era quase grego; mas ele abria os olhos e ficava-se a olhar. Lembro-me bem disso. Certamente, no seu cerebro passaria a ideia de que eu estaria a caçoar com ele ou, dada a sua ignorancia no assunto, a suspeita de que estava na presença dum genio musical. Ele ouvia, porem, com atenção e não se comprometia com qualquer opinião, lisonjeira que fosse.

Felizmente, o «poema sinfonico» (como estas coisas surgem aos 18 anos!...) ficou, salvo erro, nas duas primeiras cenas e um dia, aí pelos meus 50 anos, em ocasião de mau humor e desalento, rasguei as poucas folhas escritas e fiz assim desa-

parecer um tremendo atentado contra a arte tão alta e tão bela da Musica.

Quanto aos estudos na Universidade seguia a mesma cabulice dos tempos do Liceu. Quer nas matematicas quer na quimica em que me matriculara como voluntario, as minhas notas não davam para o acto nessa classe. Nunca percebi bem em que consistia a distinção das classes, mas a rotina universitaria impunha certas regras e os mestres diziam que eu não iria a exame com segurança.

Aborrecimento na familia, é claro, e eu, lembro-me bem, não ligava grande importancia não só a esse aborrecimento como ao prejuizo que a cabulice me acarretaria. Meu Pai, coitado, sempre indulgente, nada me dizia mas sofria com o caso; minha Mãe, uma vez por outra, manifestava cautelosamente o desgosto; e meu tio Albino da Silva é que falava, ás vezes, amavelmente é certo, mas com censura. Eu não respondia — e hoje penso como é que não compreendia as boas razões dos conselhos e das advertencias e me deixava andar sem grandes preocupações.

Coisas que lá vão e não saberei decifrar convenientemente mas que eram assim mesmo. Sem querer fazer comparações, estou a lembrar-me do que, a respeito de Baudelaire escreveu Teofilo Gautier: é que no estudante cábula e distraído, ou por outra, ocupado com coisas diferentes, muitas vêzes se forma, a pouco e pouco, o homem que passou desconhecido á familia e aos professores.[1] E' claro que o caso não é, evidentemente, o mesmo mas póde ser que em mim o _processo_ fosse identico. Assim seria.

No fim do ano fiz uma «transição» de classe; na _Algebra_ transitei para _obrigado_ que era a classe mais baixa e, como tal, fiz exame em que passei _nemine_ para no ano seguinte repetir como _ordinario_; e na cadeira de _Quimica_ como não tivesse classificação para me manter na classe em que estava matriculado, transitei tambem para _obrigado_ e lá fiz o acto sem grande novidade depois duma _ensaboadela_ dada por um quintanista de medicina, Albino Pache-

---

(1) _Souvenirs romantiques_, pg. 280.

co, durante umas tres semanas ou um mês — a qual ensaboadela custou uma libra ou seja, no tempo, 4:500 reis.

Este dr. Albino Pacheco, urso de medicina, tornou depois capêlo mas, a seguir, por qualquer motivo desapareceu, foi para o Brasil, meteu-se em politica e teve vida um tanto ou quanto aventurosa.

Nas cadeiras de Desenho passei com nemine corrente pois quer numa quer noutra, não tive qualquer dificuldade e até trabalhava nelas com prazer.

Ora nesse ano lectivo de 1898-1899 deu-se um acontecimento capital na vida academica: o centenario da Sebenta.

Os jornais deixáram relatos circunstanciados e alguns livros como o In illo tempore a festa ficou mencionada com o devido relevo. Foi, na verdade, um acontecimento capital na vida escolar coimbrã de onde veiu a derivar, anos depois, o Enterro do Grau e mais tarde, por desenvolvimento gradual, as barulhentas Queimas de Fitas que actualmente chamam a Coimbra milhares e milhares de forasteiros.

Nessa altura andava muito ligado, como já referi, ao Luís Alberto de Oliveira e como os preparativos da festança preocupávam toda a gente, nós lembrámos-nos de entrar em qualquer dos numeros do programa.

Mas como? O que poderiamos fazer?

Com nosco andava muitas vezes um rapaz António Ferreira de Sousa J.or tambem, como o Luís Alberto, natural de Coruche, estudante do 3.º ano de preparatorios para a Escola Naval onde entrou e um outro estudante, ainda no Liceu, mas destinado a Medicina chamado Alfredo Guedes Coelho, da Azambuja.

Como eram ribatéjanos, lembráram-se de formar um grupo de 4 campinos pois sabia-se que no cortéjo se fariam representar grupos característicos de varias provincias portuguesas. A lembrança foi discutida e eu, como da terra, fui encarregado de saber onde haveria cavalos capazes de imitarem os colegas da Lezíria.

Os preparativos deram ensejo a um sem numero de episodios curiosos e cómicos que levariam muito tempo a contar.

Não me lembro já por que motivo andou metida nisto, com muito interesse, a familia do Agapito Pedroso Rodrigues cuja casa ficou sendo, quase, o quartel-general da empresa porque as alquilarias onde havia as pilécas que teriam de figurar eram perto.

A'ultima hora, um dos cavalicoques falhou não sei já porquê; e eu e Luis Alberto, consternados, fômos expor ao Valentim José Rodrigues, pai do Agapito, a ocorrencia, ao postigo do seu escritorio de consignações, á esquina do Largo das Ameias para a rua da Madalena. Com admiração nossa, o Valentim, com seu ar pautado e bonacheirão lembrou que tinha uma muar da carroça que oferecia se nós a quizéssemos ou podessemos aproveitar pois era docil e dava cavalaria.

— E' claro, acrescentava, não é bem um animal de sela, mas se alguns dos senhores é bom calção... talvez possa servir. Está ás ordens.

O Luis Alberto olhou para mim: uma muar como cavalo de campino ribatéjano era um pouco forte... Mas, ao mesmo tem-

D - 29

go, não havendo outro ... que diabo! arreando-se o animal de certo modo e, alem disso, como se não estava no Ribatejo...

O Luis Alberto decidiu-se:

— Pois, Snr. Valentim: se me dá licença, vou montar a muar e conforme o comportamento se decidirá.

Dito e feito. Chamou-se o carroceiro, arreou-se o animal e o Luis Alberto que era bom calção saltou-lhe para cima e no pátio da casa deu umas voltas e verificou que não faria figura desastrada... E assim foi. O Valentim que era bom homem e que dedicava grande estima aos rapazes que se davam com o filho, e nós estavamos nesse numero, foi gentilissimo em tudo e até lhe ficámos a dever, salvo erro, a quantia de 2$500 reis que ele generosamente emprestou não sei já para quê.

O certo é que, no dia proprio, vestimos-nos em casa do Valentim, com a indumentaria tanto quanto possivel rigorosa, montámos e muito conscios do nosso papel lá fômos, cidade acima, para a Alta; ao chegarmos á Porta Ferrea apareceu-nos logo o Alexandre de Albuquerque

(o Xandre, como era conhecido) presid.te da comissão executiva do Centenario que olhou atentamente, fez-nos sinal para pararmos e exclamou:

— Muito bem! muito bem! Vocês ficam já aqui para abrir o cortejo.

E assim foi.

Abrímos o cortejo que ficou celebre na historia da Academia; a mular do Valentim José Rodrigues portou-se bem e quero crer que ninguem repararia na diferença. Enfim, foi um dia magnifico de que ainda me lembro bem e, devo dizer, com alguma saudade.

Quando caiu a noite e cada um, depois de deixarmos em casa do Valentim a indumentária ribatejana, foi para sua casa, para jantar, deveria sentir que acabava um dia que não mais se repetiria na vida; e não digo pela festa que, evidentemente, foi unica, mas pela alegria, despreocupação e pela convicção de que alguma coisa de notavel se tinha passado e de que, para essa coisa concorrêmos com o natural entusiasmo dos 19 anos. Grande dia, sem duvida!

E para descargo de consciencia ficámos a dever ao bom Valentim José Rodrigues uns tristes dois mil e quinhentos reis...

Mas ainda pior do que a divida é q. ao lembrar essa festa, noto que, desse grupo de quatro campinos, alegres e despreocupados em 1899, só eu estou vivo.

O Ferreira de Sousa, já capitão de fragata, morreu em Março de 1924; o Guedes Coelho, depois de formado, foi para Azambuja exercer clinica e, passados anos, endoideceu e morreu pouco depois; o Luis Alberto, esse, faleceu ha pouco, major reformado de Infantaria.

Uma tristeza.

E assim, terminado o ano lectivo com o resultado já referido atraz, fomos passar as ferias para a Figueira. E deve ser dessa altura um artigo de fundo para um jornal copiografado dos irmãos Guedes entitulado A Ribeira porque era feito na Ribeira Ruiva aldeia onde residia a familia deles e onde costumavam passar as ferias e onde eu já tinha estado como atraz referi.

O Mario Duque mandou um exemplar ao José M.ª Dias Ferrão, em ferias na sua casa de Vila Chã de Poiares; este repontou com o artigo que, muito naturalmente, julgou ser do Mario e como ele era de natureza polemista engendrou um outro jornal copiografado a que deu o nome de O Jornal de Vila Chã e deu uma tareia no artigo e no suposto autor.

Não conservo qualquer exemplar destes jornais; não me lembro se mos déram ou se os perdi; o que sei é que, quando no regresso á casa de Coimbra me inteirei da prosa do terrivel poiarense, resolvi responder em carta que seria o começo de uma serie delas.

Engendrei então uma epistola ao Mario Duque que copiografei e a que dei forma de folheto in-8.º gr. Puz-lhe o titulo pretencioso de Cartas a um Amigo (Critica e controversia) e datei-a aos 22 de Outubro de 1899. — Com citações varias (sempre a preocupação de erudição!) procurava dar-lhe forma elevada, certa correcção de estilo e ao mesmo tempo insinuava que o melhor seria não dar importancia aos zoi-

los, fazer de conta que não existiam, etc. etc. — e, é claro, entreguei ao José Ferrão um exemplar.

Este não se calou e respondeu noutro folheto não me lembro se também copiografado porque não o encontro nos meus papeis; do que me lembro e de que deixei nota é que o José Ferrão foi violento, como sempre, «foi descaroavel» como anotei na copia da m.ª Carta a pag. 223-232 dos citados Pecados Velhos — mas não ficou sem resposta porque escrevi segunda Carta a um amigo, serena, igualmente pretenciosa, com a forma literaria que melhor consegui.

Foi isto em meados de Novembro e assim terminou a polémica que não deixou, aliás, de ser curiosa e, até certo ponto padrão da vida academica daquele tempo que não sei se seria melhor ou pior do que a de hoje mas que, devemos confessar, tinha certo cunho e interesse intelectual e alguma elevação.

Sou suspeito, é certo; mas quero crer que não erro muito.

Revertendo...

Decidi-me, então, definitivamente, pela Escola do Exercito. Não sei bem já dizer o trabalho interno que me levou a isso. Mas estava, como dizia a Severa, o meu triste destino marcado: iria ser militar e como se aproximava o tempo da inspecção, pensei em que seria melhor pedir á Junta que me désse como esperado para que podesse andar o novo ano lectivo livre de obrigações.

E assim, meu Pai pediu aos medicos um dos quais era o Dr. Luiz Amante influente progressista e muito das relações do Dr. Costa Lobo e, por consequencia seu subordinado na politica.

Entro agora num episodio curioso da m.ª existencia, por sinal que deu logo a medida do que poderia ser, no futuro, a minha carreira. Começou, auspiciosam.te como se vai ver, conforme as minhas reminiscencias que creio não fugirão á verdade.

No dia 27 de Setembro daquele ano de 1899, vim da Figueira a Coimbra para a inspecção. Como os medicos não fizeram

objecção ao pedido de meu Pai, vim só a Coimbra sem qualquer preocupação. Fui almoçar á Guarda Inglesa com meu tio João Caetano e á hora marcada lá estava no quartel de Infantaria 23, no corredôr do rez-do-chão, ao fundo, corredor onde, mais tarde, ao entrar no regimento, teria a secretaria da minha companhia; e lá estava no meio duma grande malta de rapazes entre os quais os meus condiscipulos do Liceu Luis de Castro e Almeida e o Fernando Paixão, estudante de farmacia na Universid.e, filho do celebre alfaiate Paixão, o «Paixão junta a pêra!» muito falado em todos os livros de memorias academicas; e ainda o Cassiano Neves que depois foi medico de grande nomeada em Lisboa, o Antonio Sobral Cid, de Direito e talvez outros de que já me não lembro.

Chegada a m.a vêz lá fui perante a Junta; o Cruz Amante disse que eu estava com bronquite aguda e o outro medico concordou; disseram ambos que eu deveria ficar adiado para o ano seguinte mas o presidente, um certo major Peixoto e Cunha conhecido no exercito pela alcu-

nha de Gravanço (não sei se pejorativo), homem mal encarado e grosseiro pareceu-me que não concordava com os medicos. Terminado o acto, vesti-me e vim para o corredor esperar a decisão.

Era sargento amanuense da Junta um celebre Mesquita e Sola, já de certa idade, homem de confiança mas um borracho de alto lá com ele; quando se abriu a porta e ele veio com o maço de guias e começou a chamada, fez-se silencio e, a um e um, iam saindo com alegria ou tristeza consoante o resultado. Terminada a entrega das guias vi que ficámos quatro mancebos: eu, o Fernando Paixão e dois rapazes que me pareceram operarios.

O que haveria? O Sola veio logo explicar: da decisão dos medicos dada a nosso respeito, o presidente, o Gravanço, recorrêra e, nestes termos, ficávamos no quartel sub custodia e teriamos que ir, no dia seguinte, para Vizeu á Junta de Recurso na séde da Divisão.

Olhámos uns para os outros... A expressão sub-custodia equivalia a detenção e, como estava sem jantar, e sem

poder comunicar com a familia, disse naturalmente para comigo, não me lembro, qualquer coisa que agora não poderia escrever sem saltar fóra das conveniencias.

Felizmente estava de serviço o tenente José Coelho Correia da Cruz, conhecido de meus tios; eu e o Paixão fomos ter com ele e pedimos autorização p.ª mandar recado á familia; ele, amavelmente, acedeu e não sei já por quem mandei dizer a meu tio João Caetano o acontecido e pedia-lhe ~~[illegible]~~ que me mandasse o creado Manuel com alguma coisa para comer e algum casaco de abafo para poder aguentar a viagem de noite

Meu tio João Caetano, paisanissimo como era, acudiu logo atrapalhado; e o creado trazia-me qualquer coisa para comer, um gabão de Aveiro e uma manta de viagem. Foi falar com o tenente Cruz acerca da minha dormida e fui autorizado a dormir na sala nobre onde mandou pôr uma cama, lavatorio, etc. Meu tio depois de me dar algum dinheiro foi ao caminho de ferro procurar alguem conhecido que fosse para a Figueira a quem pediria que avisasse meu Pai, como de facto foi avisado.

Assim veiu a noite e assim me encontrei a passear na sala nobre do quartel, a colher as primeiras impressões da vida militar e a pensar nos motivos que levariam o ilustre major Gravanço a recorrer da decisão dos medicos.

Disseram-me depois, passados tempos, que o homem era mau por natureza; a decisão cheirou-lhe a favoritismo e como nada lhe disseram ou pediram, logo contrariou pelo prazer de fazer mal. Era essa a explicação que todos dávam quando mais tarde eu contava o incidente.

De madrugada, ainda noite fechada, alguem (naturalmente o cabo da guarda) me foi chamar; arranjei-me e daí a pouco, em baixo, á porta do quarto do oficial de dia encontramos-nos os quatro condenados com um 1.º cabo que nos havia de levar e custodiar até Vizeu. Esse cabo era o Eurico Maria Carneiro Coelho e Sousa que, dezoito anos mais tarde havia de ser ministro do Sidonio Pais. Andava a estudar e como estava em férias fazia serviço no regimento. Foi bom companheiro e ficámos, até, com boas relações.

Na Pampilhosa apareceu meu Pai que, avisado, tomou de manhã o comboio da Beira Alta; a sua companhia foi excelente porque eu levava pouco dinheiro e teria de ficar no quartel a dormir o que seria desagradavel. Assim, autorizados eu e o Paixão pelo comand.te do regimento n.º 14, fômos com meu Pai para o Hotel Cadete, uma velha hospedaria numa travessa da rua Direita, do lado direito descendo.

Ora deu-se o caso de o dia 28 de Dezembro em que chegámos, ser feriado e a Junta de Recurso só reunir em 29; meu Pai depois de falar com o comand.te do regimento que era seu conhecido dos tempos em que estéve em Vizeu, no regresso da Madeira, e que se chamava Salomão do Amaral; e depois de me deixar dinheiro para o resto da diligencia, foi-se embora para a Figueira; e eu e o Paixão ficámos ás soltas na capital da Beira Alta — terra que nos agradou e de que trouxemos boas impressões.

O Eurico Carneira conhecia já a cidade e indicou-nos os meandros naturais para rapazes de 19 para 20 anos e algumas vêzes nos acompanhou nessas

andanças. Foram dois dias passados á vontade, com bom tempo e sem preocupações de maior. Ha até, nas minhas notas, um soneto feito a uma hetaira parece q. notavel em Vizeu e visinhanças; e, de facto era mulher de rara beleza e distinção; ha ainda um outro soneto satirico, alusivo á passagem pela cidade de Viriato e ás razões dessa passagem. Bons tempos.

Se, depois da inspecção em Coimbra nós rogámos pragas ao bruto do Gravanço, em Vizeu achámos que, afinal, o homem fez-nos o favôr de proporcionar uma excelente passeata e agradavel diversão.

No dia 29 lá fomos, finalmente, á Junta de recurso. Não me lembro dos seus componentes; do que me recordo bem é de que a Junta aceitou o recurso e apurou-me para Infantaria assim como os outros companheiros. A seguir prestámos o juramento de fidelidade e... pronto, estavamos soldados para o que désse e viesse.

Deram-nos guias e lá voltámos para Coimbra, recapitulando durante a viagem, eu e o Paixão, todos os passos da nossa peregrinação pela capital da Beira

Altá; em Coimbra despedimos-nos e eu cheguei á Figueira já de noite, transformado em... soldado ajuramentado do glorioso exercito portuguêz, conforme a reVorica que logo comecei a cumir e a apreciar.

Um dos tres companheiros da aventura era pintor, de nome Matos, natural de Coimbra, irmão dumas raparigas que tiveram fama entre a Academia e, depois de entradas na idade, mantiveram fama discreta entre doutores e senhoras de respeito. Era pintor, não casou, andou em bolandas por um lado e outro; adquiriu o vicio da bebedeira e ha anos, incapaz de trabalhar é arrumador nos parques de automoveis da Avenida Navarro em Coimbra.

Nunca nos esquecâmos; quando nos encontrâmos fazemos sempre muita festa como velhos camaradas de campânhas passadas. Ultimam.te, coitado, quasi invalido, quando passo perto dele e ele me vê, chama-me sempre:

— Oh sr. Belisario!... então hoje não ha nada?...

Este nada representa sempre uma moeda de 2$50 para uma gimpa. Um pobre diabo.

Do quarto companheiro nada sei dizer. Desapareceu e não voltei a vê-lo. E assim acabou o episodio com que comecei a triste vida de tropa e que dá bem a medida do que viria a ser a continuação dela.

Em Novembro, no dia 2, fui á sala da Camara Municipal ao sorteio; e a sorte quiz que eu tirasse o n.º 1 da freguesia da Sé Nova onde fôra recenseado; felizmente, nesse ano, a freg.ª não dava contingente para a Armada senão lá ia haver maior numero de complicações — pois o n.º 1 era sempre destinado á Marinha de Guerra.

Acasos...

E assim, em 14, apresentei-me no quartel de Infant.ª n.º 23, e ali assentei definitivamente praça com o n.º 147/561 na 1.ª Comp.ª do 1.º Batalhão de que era comandante o bondoso capitão Joaquim Maria Ferreira que mais tarde seria o meu comandante de batalhão. Requeri logo licença registada por 365 dias nos termos do art.º

136 do Regulamento dos serviços de recrutamento — licença que me foi concedida no dia imediato com o fundamento de estar matriculado na Universid.^e^ O coronel, homem fino, muito bem educado, Guilherme Augusto Vitório de Freitas, autorizou a dispensa de comparecer no quartel de 14 para 15 e assim fiquei soldado duma vêz para sempre.

Cumpria-se o Destino, ou antes: o máu Destino.

Daí a dias mandei fazer a farda de soldado ao Abilio Augusto dos Santos, antigo mestre do casão dos alfaiates do regimento, estabelecido na rua da Sofia; e foi este homem que me fez todas as fardas até á minha passagem á reserva. Bom homem, serio e correcto, morreu ha pouco com oitenta e tal anos, em casa do filho que usa o mesmo nome, negociante de panos muito considerado na cidade.

E assim me senti soldado depois de sacrificar a cabeleira «á Garrett», uma tarde, no estabelecimento do velho Francisco Borja dos Santos, deitada a baixo pelas tesouras do filho Hermenerico e com a

presença galhofeira do Mario Duque que se não dispensou de assistir á cêna.

Desta Hermenerico Borja dos Santos falecido ha cerca de ano e meio, creio que falei no _Diario_, na altura da sua morte. Era um bom amigo, muito dedicado, que manteve sempre certo ar de inferioridade perante mim apesar de eu, fingindo que não percebia, nunca lhe dar ensêjo para se considerar inferior.

A teimosia paterna que o queria fazer medico, profissão que ele repelia por se não sentir com tal vocação, lançou-o para a vida obscura de barbeiro e amolador de instrumentos cirurgicos em que aliás era perito e de confiança; e assim morreu, resignado com a sorte embora se lhe conhecesse um ou outro momento de inconformismo com ela.

Pois foi ele, esse bom e dedicado amigo que me deitou abaixo a cabeleira «á Garrett»; e com o cabelo á escovinha lá fui assentar praça no regimento de Infantaria 23 como contei.

Lembro-me de que era 1º sargento da compª o José de Oliveira Miranda que

como recompensa do muito que teriamos ainda para aturar nos dois intermináveis dias seguintes.

Os dois dias seguintes!

Quem póde imaginar esses dois dias enormes, passados ali, na sala velha do Tribunal, vendo passar homens nús, sentindo constantemente o cheiro de homens sujos, escrevendo e conferindo as guias modelo A, notas modelo B, mapas modelo C... e mais modelos por ordem alfabetica!...

Valia-me, ali, a minha faculdade de abstrair e, de um momento para o outro, voar a pólo oposto; valia-me, tambem, a minha boa disposição para todas estas novidades da vida. E assim, se algum intervalo se fazia, eu ia saborear o prazer de espreitar o secretario da Administração cuja porta era em frente; outras vezes ia falar ao secretario da Camara ao andar de cima — só para ver a cara dos politicos, nos corredores acanhados, com um ar de cólicas como de estudantes que esperam a decisão de um exame

duvidoso; outras vezes... deixava passar o tempo — pensando em tudo aquilo ao mesmo tempo!

Não ha nada que não tenha a sua compensação...

Pois não era coisa de valor o ir espreitar á Administração do Concelho e ver, como vi uma vez, o Videira, o medico do partido, ensinando o administradôr a fazer um auto ao mesmo tempo que, numa outra mesa, o secretario da Administração (que é o Sr. Antonio Maria Vicente, ferradôr da terra) solfejava uma musica qualquer que a filarmonica havia de tocar e que ele (que era o cornetim) tinha de aprender com esmero? Que espectaculo melhor e mais sugestivo?

E lá em cima, no corredôr?

O Albano Lucio de Lima, esfregando as mãos e espreitando quem subia para ver se toscava alguma cousa, passeava agitado dum lado para o outro, cochichando com o Padre "Gungunhana", chamando aos cantos o Antonio Francisco, fazendo tagatés ao sargento Sola... Andava inquieto, farejando, escutando.

escrever: « Je méconnaissais la puissance
"ce qu'une ferme volonté met dans les
"mains de l'homme jeune, quand il sait
"concevoir; ... »[1]

Até nos constantes atentados literários eu andava ao sabôr de qualquer influencia, conforme a impressão que me deixava a leitura desta ou daquela obra, ou o gosto que me provocava um ou outro genero literario. Ao rever a serie de verbetes onde anotava tudo o que ia produzindo, nota-se a variedade de generos sem me fixar em qualquer deles. Sòmente a Historia me parece que exerceu influencia mais a serio e mais constante e determinou, com o correr do tempo e a idade, não sei se poderei dizer a vocação mas qualquer coisa que me estaria no intimo e me encaminhou para trabalhos que talvez valham pouco mas me deram o tal lugar « à parte e único » na Historiografia militar conforme a expressão do general Teixeira Botelho creio que já aqui mencionada em qualquer altura.

---

[1] Edit. Flammarion, S.d., v. II, pag 61.

E mesmo assim, toda essa actividade em trabalhos historicos não era original; comecei debaixo da influencia da obra de investigação do Dr. Antonio de Vasconcelos; só mais tarde, lentamente, me consegui libertar em grande parte; e, sem pôr de lado os propositos investigadores, dirigi o meu trabalho no sentido das ideias e da sua evolução sem saber, ainda hoje, se alguma coisa consegui em sentido que seja digno de nota.

O general Teixª Botelho teve uma expressão que foi amavel conforme os preceitos do momento e consequencia da sua boa educação; mas não sei se seria precisa. Parece-me que, se assim fosse, a minha pequena obra teria certa repercussão que, evidentemente, não tem — apesar de certas frases elogiosas que afinal não passam de cortesias.

Mas fóra disso, repito, o periodo da minha formação mental foi, como na orientação da vida pratica, desigual e, como disse acima, passado á tôa, como qualquer bocado de cortiça ao sabor de aguas correntes.

Enfim... estava soldado n.º 147/561 da 1.ª comp.ª do 1.º batalhão do regimento de Infant.ª n.º 23 e matriculado como voluntario, novamente, na cadeira de Algebra superior e na de Geometria descritiva como concorrente á Escola do Exercito; e ainda nos Desenhos dos dois anos das faculdades de Matematica e Filosofia.

Os professores eram: na Algebra o Dr. Henrique de Figueiredo a breve trecho substituido pelo Dr. Rocha Peixoto; e o Dr. Arzila da Fonseca na cadeira da Geometria. Nos Desenhos eram António Augusto Gonçalves e o bacharel Mendes Pinheiro.

Estava matriculado definitivamente nos preparatorios para a Escola do Exercito e com estas e as que tinha a mais faria pêso na classificação de admissão como na verd.e aconteceu.

Novos condiscipulos apareceram entre os quais citarei o meu visinho da esquerda no anfiteatro da Matematica (hoje sala Gomes Teixeira), o Eusebio Tamagnini de Matos Encarnação que depois foi lente da faculd.e de Filosofia e presidente da Camara de Coimbra na situação sidonista e ain

da na actual situação política ministro da Instrução e não sei se deputado. Era estudioso e muitas vezes me valeu em momentos de atrapalhação quando o professor Rocha Peixoto lançava perguntas rapidas para as bancadas e eu, desprevenido, lia romances... Ficámos sempre com boas relações e tratamento de _tu_ apesar de, com o tempo, ele caminhar muito p.ª as _direitas_ até dar o reaccionario que se mostrou quando ocupou cargos publicos extra-universitarios e que ainda hoje continua a ser, meio entrevado e recolhido na casa de Godinhela que pertencia á familia da esposa.

Outros condiscipulos mencionarei como o Geraldino da Silva Baltazar Brites que depois foi o notável professor de Histologia e grande homem de caracter e meu amigo; o Fernando de Almeida Ribeiro depois lente de Medicina e reitor da Universidade; o bom e valente Zeferino Camossa Ferraz de Abreu que morreu coronel de Infantaria; o Sergio Calixto que ascendeu ao capélo em Medicina e não sei já se chegou a professor porque morreu muito novo, tuber-

culoso; o Lago Cerqueira, já falado, repetente como eu; o Sebastião Roby de quem falarei adeante com a maior simpatia; o Guedes Coelho, um dos quatro cunhados do cortejo da Sebenta; o Abilio de Sousa Namorado, já amigo dos tempos do Liceu; o Artur Hintze Ribeiro Nunes que seria meu companheiro de quarto na Escola do Exercito e amigo intimo; o Ernesto Luciano Torres meu visinho de banco em Geometria descritiva de quem falarei mais adeante; o Afonso Veríssimo de Azevedo Zuquete que foi distintissimo engenheiro e o alferes de Inf.ª João de Almeida que tirava as cadeiras necessarias para o curso do Estado Maior e morreu ha pouco general. Etc.

Outros mais, é claro, que me não lembram porque, naturalmente, me não deixaram qualquer impressão

E assim, como me alistei no "glorioso exercito português" e me preparava nas aulas universitarias para ingressar no quadro da sua oficialidade, tambem me alistei noutra milicia, em tanto ou quanto oposta, valha a verdade, mas que mais ou menos condizia com as minhas

aspirações de ordem política e propósitos de ordem social e iria dar pasto à minha variada fantasia e, com o tempo, certo que dominio nos quadros revolucionarios de Coimbra.

Vamos lá a ver o que isso foi.

<u>Quinta da Paz</u> (Mafra) e <u>Lisboa</u>: 3 de Setembro a 3 de Outubro de 1956.

D — 32

V

«Essa epoca da vida não voltará mais porque não pode retroceder uma unica onda do rio impetuoso do tempo!»

Alex. Herculano: *O Paroco da Aldeia*, Prologo.

No dia 11 de Novembro de 1899 fui admitido nos sagrados misterios da Maçonaria na Respeitavel Loja Capitular *Academia Livre*, em Coimbra.

A maçonaria em Coimbra atravessáva então uma curiosa fase de romantismo que amoldava os espiritos mais sensatos e mais sujeitos á reflexão, ao entusiasmo ingenuo por uma regeneração infalivel não direi somente da Patria mas — porque a maçonaria romantica não admite fronteiras — da Humanidade inteira.

Nas lojas maçonicas tramava-se por entre os panos vermelhos das paredes com triangulos e esquadros desenhados e o estalido semi-comico e discreto dos aplausos, no segredo absoluto que se jurava todas as vezes que terminávam os trabalhos, no mistério singular que revestia todos os actos, tramava-se... o quê? O derribar de velhas instituições de sete seculos, para dar logar á bela e amiga forma electiva? A morte de algum monarca em obediencia ao espectaculoso principio da propaganda pelo facto? ao menos alguma modesta afirmação de firmes convicções inabalaveis?

Não... A maçonaria em Coimbra nos templos guardados vigilantemente, em voz baixa por causa dos visinhos e com portas varias por causa da policia... tramáva-se convictamente — a Felicidade Universal!

Sim, o sonho que iluminava os templos maçonicos, o tema da infalivel retorica, o fim dos sagrados juramentos sobre a espada do Veneravel — simbolo da honra — era a verdadeira, a completa, a inextinguivel Felicidade Humana...

Dentro de Portugal, esse sonho grandioso reduzia-se ás exiguas proporções da proclamação duma Republica — transição unicamente para um vasto encadeamento de acções que havia de terminar... Onde?...

Sabia-o lá, a Maçonaria!

Aquecidos os cerebros pelo calor duns templos pequenos; influenciados por um ou outro mais senhor de si; perdido o mêdo, esse terrivel mêdo moral que inutilisa tanto cerebro potente; os irmãos desabrochávam em retorica florida, em vôos rasgados de imaginação, em altos problemas metafisicos.

— Imaginai chegado o vosso ultimo momento: que pensais do Passado, do Presente e do Futuro?

Esta pergunta obrigatoria mandada fazer pelos regulamentos aos iniciados, era parafraseada, comentada, analisada, á luz duma metafisica curiosa e duma superelevação de ideias.

E assim, a Maçonaria — sem, na pratica dar muito acordo de si — ia vivendo quando um dia, o Mario Duque se

me revelou, olhando para um lado e para o outro, fixando as lunetas, em voz sumida, á esquina da Praça do Comercio com o Adro de Baixo; aí, numa noite quente de verão, enquanto o dono da loja de vinho da esquina fechava as portas, o Mario, ao tempo companheiro quase inseparavel, confiou-me esse consideravel segredo, obrigando-me, debaixo de palavra de honra a eterno sigilo: era maçon, graças ao Supremo Arquitecto do Universo!...

Fôra o caso que, frequentando eu a republica da rua das Esteirinhas, n.º 11, instalada num velho casarão misterioso, cheio de corredores, de escadas, de cantos e recantos sinistros, ali travei conhecimento bastante intimo com o Videira, o Paul, o Neves e mais outros, estudantes de medicina, ao tempo no 3.º ano.

Ia varias vezes a essa casa durante o meu ano de caloiro de matematica quér por causa dos ensaios duma pequena tuna quer por umas sessões duma celebrada «Academia» cuja ideia eu dera e o Terrão e o Mario abraçáram e os da republica protegiam.

O Serrão, esse velho amigo de sem-
pre, e o Mario estavam então no 2º. ano de
Direito; ora qualquer que fosse o que me dés-
se nas vistas, eu tive uns rebates de qual-
quer coisa de menos publico que entre
eles havia. Uns gestos esquisitos, frases
sem nexo, uns abraços acompanhados com
gargalhadas, uma protecção demasiada da-
da á insignificante tuna — não me pas-
savam despercebidos ainda que, na mi-
nha indolencia costumada, na minha inca-
pacidade para a aquisição curiosa de peque-
nas coisas, os não reunisse, como argu-
mentos postos para uma demonstração re-
lativamente facil.

Esses pequenos nadas continuavam:
um dia, a casa de jantar da republica, uma
esplendida sala, lageada, com azulejos em
paineis até meia parede, com duas am-
plas portas que deitavam para um terraço de
onde se via correr o Mondego, numa gran-
de extensão, um dia, disse, apareceu fe-
chada hermeticamente... Num outro dia,
como um dos da republica (se me não en-
gano, o Paul) fizesse acto e ficasse aprova-
do, no jantar de festa para cujo café eu

fui convidado, houve um brinde «á academia livre!» que foi acolhido com entusiasmo fóra do vulgar e com certo quê de sinceridade, mesmo maior que em outro brinde pela Republica.

Mas na minha preguiça intelectual que necessita aguilhoada para produzir coisa pouca que seja, eu não fiz caso.

Passado algum tempo; porem, numa tarde de verão, passeando com o Mario, veiu á conversa um romance rocambolesco cujo nome indica grandes coisas: Os Homens da Cruz Vermelha.[1] Neste romance, de mistura com os amores olaripadorios, ha cênas terriveis, punhais de homens embuçados numa capa branca com uma cruz vermelha estampada, planos tenebrosos formados por homens que se reconheciam por sinais esquisitos . . .

Em nós, rapazes novos, fantasiosos sempre, o romance causára uma tal ou qual impressão; e o Mario, seguindo tactica um tanto ou quanto saloia, quiz saber qual a maneira por que eu encaráva as

---

[1] de Carlos Pinto de Almeida, Lx.ª 1879.

sociedades secretas. Era a sondagem obrigatoria...

Daqui a conversa caiu na Maçonaria. Eu ignorava o que ela fosse; e a tarde caía serenamente, com a beleza daquelas tardes de verão, á beira do Mondego, quando os choupos começam a mudar de tons. Eu lembrei-me de que necessitava cortar o cabelo — lembro-me como se fosse hoje!... — e sentado na cadeira classica do barbeiro, com o Mario tambem sentado quase em frente, e enquanto o rapaz me ia aparando a farta cabeleira de poeta que então irreverentemente usava, no meu espirito deu-se um curioso fenomeno psicologico que talvez fosse, quem sabe? provocado por esse tzac-tzac continuo em volta dos ouvidos, por esse martelar constante da tesoura sobre o meu crâneo.

Conversando com o Mario a meia voz e com meias palavras sobre a Maçonaria, eu comecei a desenrolar-lhe seguidamente, pausadamente, o conhecimento duma Loja maçonica em Coimbra, com o Videira venerável, com o templo na sala

de jantar da *republica* da rua das Esteiri-
nhas, á qual pertenciam os rapazes da mes-
ma *republica*, o Ferrão, o Cruz inspector
dos incendios...

O Mario ouvia esta minha pausa
da narração com certo ar de pasmo, fran-
zindo de quando em quando as sobrancelhas,
fixando as lunetas; eu reavivira ali, incons-
cientemente, todos os factos que a memoria
conservára e com a placidez de quem tem
fundos conhecimentos sobre o assunto, eu ex-
puz aos ouvidos atonitos do Mario uma sé-
rie de verdades indiscutiveis...

Ao saír, seguindo direitos á Praça Ve-
lha, o Mario, com ar admirado, perguntou-
me á queima-roupa:

— Mas como sabes isso?

— E' o que te digo, menino: sei-o...

Tinhamos chegado á esquina da Praça;
e ali o Mario fez-me a confissão que eu
esperava desde a primeira tesourada do ca-
beleireiro:

— Pois tudo isso é verdade... Eu tam-
bem sou maçon...

Vagamente, pelo ridiculo, lembrei-me
daquela frase do Alpedrinha, da *Reliquia*:

— E' verdade... Eu tambem petisquei...

E subindo para a calçada, parando aos bocados, numa conversa animada, combinou-se logo que eu entraria no ano lectivo seguinte, quando se abrissem as aulas.

— Caramba! eu tambem quero ser desses!...

E o Mario, finoriamente, expôz-me toda a grande obra da Maçonaria; e como me conhecia o fraco, expôz-me animadam.te esse grandioso e inconfundivel projecto da regeneração da Humanidade inteira.

— Naquela loja, dizia ele, só se admitem de republicanos para cima. Mas tu, como és anarquista...

— Sim, menino, trata disso.

No dia seguinte o Mario foi para Torres Novas, para casa da familia; e eu, durante as ferias grandes, arrastando-me por Coimbra e Figueira ia pensando, ás vezes, nesse meu novo modo de ser, nessa futura vida maçonica que eu anteveria já, com a imaginação dos 19 anos cheia de perigos mas tambem de heroicos sacrificios.

Em Outubro abriram-se as aulas e eu então, conscio de que a Maçonaria

me esperava impaciente — ai os dezanove anos! — lembrei ao Mario:

— Olha o prometido...

Mas uma tarde, o José Ferrão, passeando comigo, abordou o assunto: conhecia-me as ideias, sabia-me convictamente e irredutivelmente liberal; era isso o que convinha á Maçonaria e lembrára-se de me propôr. Eu, fingindo nada saber, acedi, fiz-me um tanto dificil; e passados dias, numa tarde, em principios de Novembro, passeando na rua da Sofia onde ele tinha um namoro, o Ferrão disse-me claramente:

— Você é iniciado no proximo sabado; os homens aprováram por unanimidᵉ a sua entrada e o Mario é que o propôz. Eu queria fazer a proposta, mas o Mario não deixou, diz que foi ele que teve a ideia e pronto...

E depois, mudando para tom mais baixo:

— Você tem que ser sujeito a provas, no fim de contas, umas lérias... Vendam-lhe os olhos, levam-no a um quarto isolado

onde lhe entregam perguntas escritas... etc. etc. — e expôz-me o q. seria uma iniciação maçonica.

Eu ouvia atento e grato ao mesmo tempo; e quando chegou esse dia, apesar de me não meter mêdo, de eu conhecer já tudo pelas descrições preparatorias, eu sentia contudo uma impressão vaga, talvez capaz de entrar na classificação daquelas que sentimos nas vesperas dos exames.

Mas lá fui, ao cair da noite, com o José Terrão, caminho da rua das Escadinhas; vendáram-me os olhos, leváram-me a um subterrâneo humido onde havia uma abobada baixa, cheia de entulho que, segundo a lenda vai dar ao rio e onde, sobre um cêpo, toscamente cortado, estava uma caveira e num outro uma vela de cêbo que iluminava um bem curioso cenario de teias de aranha e de lenha em cavacos esguios.

Trouxeram-me um papel com perguntas, espetado num punhal; respondi, é claro, e ali permaneci longamente, ouvindo martelar em cima, sentindo ao longe o vago perpassar de gente na calçada da rua e vendo, de quando em quando formosas

e médias ratazanas tal qual como em perfeito conto fantástico de Poë.

O que passou então pelo meu espírito não me lembro já com precisão porque lá vão sete anos e meio que apagáram alguns pequenos pormenores; mas lembro-me do côto de vela a derreter-se, consumindo-se mortiçamente sobre o tosco madeiro e dum surdo ruído ao longe como de vagas que se entrechocassem sobre arestas de penedos que vinha da abobada baixa da galeria que descia na m.ª frente — e onde eu, de quando em quando, esperava ver, brilhantes, cintilantes, intensos, fixos sobre mim, dois olhos de féra, dum bicho imaginario como os das gravuras do Orlando Furioso ou, onde ás vezes, com ligeiro estremeção, pensava ver surgir uma cara sarcastica, disforme, de algum aborto horrivel digno dum desenho de Doré, de boca escancarada, a rir, a rir e a fazer-me sinais ameaçorricos...

Mas um homem encapuzado, com saca negra sobre a cara, em que apenas por dois buracos se viam luzir os olhos, desceu pela escada estreita e mal segura; vendou-me os olhos e levou-me pela mesma esca

da, fez-me seguir corredores, escadas acima, escadas abaixo, encontrão para aqui, encontrão para acolá, até que parámos a uma porta que se abriu com estridôr.

De dentro veiu uma voz:

— Quem sois e o que quereis?

Eu ia a responder timidamente o que quer que fosse; mas o meu guia respondeu por mim:

— E' um profano que deseja ser iniciado nos vossos augustos mistérios...

A porta fechou-se. Lá dentro martelaram e de novo a porta se abriu e a mesma voz perguntou:

— Estais disposto a deixar o vicio e a seguir a virtude?

Eu balbuciei um timido sim sem saber se seria essa a resposta grata ao deus tutelar da casa... Mas a seguir a porta voltou a abrir-se e com mais barulho; atravez da venda veiu a impressão de luz; e empurrado por detraz, agarrado a seguir pelos braços, sentindo o tinir de espadas na frente, sentaram-me num banco. E de cima, cávamente, solénemente, veiu uma voz que não reconheci:

— E' o sr. Belisario Pimenta que aí está?..

Foi assim a minha iniciação maçonica tal qual a conto despretenciosamente.

O interrogatorio foi apertado, como em exame de aluno duvidoso que se mostrasse cábula durante o ano... Eu declarára-me ora anarquista, ora republicano, numa confusão interessante de que não consegui sair. E ainda me lembro da frase:

— Hoje sou soldado do rei; mas amanhã poderei sê-lo da Republica...

Eu ia, daí a uns dias, apresentar-me no regimento 23 para assentar praça; e esta frase que eu vinha, com franqueza o digo, preparado de antemão, foi realmente desastrada.

E eu a julgar o contrario!

O Cruz, inspector dos incendios, pediu a palavra — conheci-lhe logo a voz — e apertou-me; depois seguiu-se um tipografo anarquista, Monteiro, que é hoje funcionário da Fazenda, em Mira e, tambem como o outro me apertou.

Maldita frase!

Eu escaldava, eu suáva, eu maldizia o Ferrão que me afirmára que tudo seria pró-forma!...

Por fim, a voz do Videira ouviu-se, mal disfarçada, perguntando-me se eu aceitava os juramentos. Disse que sim, jurei ajoelhado e com a mão nos copos duma espada — simbolo da honra... Arrastaram-me para o extremo da sala e aí, no meio de enorme silencio, o Videira perguntou de novo:

— O que é que mais deseja nesté momento?

Eu, francamente, não sabendo o que responder, ia a dizer qualquer coisa, quando por detraz de mim, subtilmente, em leve e brando cicio, alguem me disse quase ao ouvido:

— Luz!

E eu, convicto, sincero, repeti com força e decisão:

— Luz!

— A Luz vos vai ser dada...

Ouvi marteladas, palavras do ritual, perguntas e respostas, arrastar de cadeiras, tinir de espadas; e depois de um silencio

profundo, ao bater da terceira martelada do outro lado da sala, quem me segurava deixou cair o lenço que me tapava os olhos e eu, fechando-os por causa da luz que se me afigurava intensa — e que era de quatro candieiros de petroleo dos quartos da _republica_ — abri-os a pouco e pouco e . . . o que vejo?

Oh! valha-me o Supremo Arquitecto do Universo neste lance!... Vi um espectaculo que eu nunca esperei nem espero tornar a ver!

A antiga sala de jantar da _republica_ lá estava com os azulejos até meia altura e o tecto apainelado; em frente um estrado mais alto com tres pequenas mesas: ao centro o Videira, solene, com a mão direita em esquadria sobre o peito; em fileira, o Neves, do 4º ano de medicina, o Paul, o Cruz _dos incendios_; á direita o Dr. Martins (o Adrião como lhe chamávam) e á esquerda o Ferrão, tambem solene. Em baixo, em varias fileiras mas deixando á minha frente um corredor, havia estudantes e _futricas_, com a mão direita sobre o peito e na esquerda uma espada apontada para mim. Tudo caras conhecidas: o Mario Duque, o Monteiro Tipó-

D-34

grafo, o Rosa Falcão, o Teotónio, o Vale e Vasconcelos e outros mais, com cara de caso e porembaticos.

Houve silencio; o veneravel rompeu-o com uma predica solene, grave; as espadas abaixaram-se; eu subi de novo ao altar, ratifiquei o juramento e fui declarado definitivamente, com tres pancadas na cabeça, aprendiz-maçon.

Indicaram-me logar em baixo e eu sentei-me.

Assim foi, leitor que venhas a ler-me, que eu naquela inolvidavel noite de novembro fria e triste, vi a verdadeira Luz, aquela suprema Luz que rege o Universo, aquela q. ilumina a razão humana, aquela Luz que vela pela felicidade de nós todos, direitos e corcundas, cegos e com vista, estupidos e inteligentes e que ainda espera, com os estalinhos e martelladas do ritual, com as fitas vistosas ao pescoço, ver um dia a regeneração humana com a mesma fé viva, com o mesmo impetuoso entusiasmo com que entre nós, portuguezes, ha gente que espera ainda a decantada manhã de nevoeiro para nela chegar — brilhante e olimpico, puro como a aurora e

branco como um lirio — esse moço rei morto cruelmente nas areias de Africa...

Foi isto a onze de Novembro de 1899.

Comecei então a minha vida maçonica ouvindo um elogio feito pelo Irmão Orador — elogio que foi interrompido por uma voz, de fóra, do lado da porta:

— Sr. doutor! está o chá na mesa!

E' que a velha servente da republica, ao ver que se demoravam, entendeu que devia intervir profanamente...

Mais ou menos conhecidos eram os Irmãos que compunham o quadro da Loja; e de alguns deles devo aqui deixar umas impressões que hoje, volvidos sete anos, teem todo o cunho da imparcialidade. Nunca lhes quiz mal e hoje, se mal lhe tivesse querido, essa impressão ter-se-ia desvanecido porque nada ha como a idade para apagar malquerenças.

O Videira, o veneravel, Manuel Duarte Videira era um curioso tipo de aspecto energico, de olhar vivo que denotava inteligencia, com modo de falar seco, gestos curtos e acanhados que se caracterizavam por o braço

direito se mover de cima para baixo, com o cotovelo arrumado ao tronco; usava oculos e a sua fisionomia tinha o que quer que era de fino e de simpatico.

Entre os companheiros era um tanto ou quanto o testa de ferro; deixava-se arrastar pelo Martins — o João das Regras da Academia Livre — e segundo sempre ouvi dizer era bom coração. Falava com enternecimento da mãe, o que é um bom sintoma; e no q. dizia tinha sempre um tom de rudeza que, ás vêzes, era um pouco agressivo.

O José Serrão, ha tempos, falando-me dele, disia-me:

— Afinal, era um pobre diabo...

Talvez a frase resuma tudo. Bom, no intimo, mas fraco para se não deixar arrastar. Tinha uma formula que lhe deveria ter sido inoculada, certamente:

— Antes me chamem máu do que me chamem tôlo.

A meu ver, a formula mostra a incapacidade de um homem se não deixar enganar; como receia engano, defende-se; na defesa muitas vêzes ha rudeza, energia, agressão; daí a maldade para não cair na tôli-

ce... É talvez sintoma de fraqueza e não de mau caracter; é sintoma de pouca esperteza e não de maldade.

Ás vezes era violento, malcreado até; contrastando em outras ocasiões em que mostrava um fundo de meiguice, de vago sentimentalismo, vendo ao longe, sobre o velho mosteiro de S.ta Clara, o sol a sumir-se e a lançar ternamente a sombra sobre o vale triste, ou outras vezes amansando a velha creada da _republica_ que se zangava por não estarem a horas, porque lhe estragávam a comida, ao que ele respondia brandamente, terminando com abraço conciliadôr.

Quando nos falava tratava-nos por «o amigo...»

Em ideias era republicano; o seu nome simbolico era na verdade simbolico: _Termopilas_! Que é como quem diz em bom portuguêz: ou vai ou racha! Dizia-se intransigente como republicano; falava em que entrára no ano de caloiro na conspiração do 31 de Janeiro, em Coimbra; e mesmo dentro do partido era revolucionario. Tratava os ministros por _cambada_ e falava vagamente em fôrca para o dia da revolução...

Mas os anos passáram descansavel-mente; e hoje o Videira, o terrivel Videira de outros tempos, é medico municipal na Pampilhosa da Serra, regenerador façanhudo, irredutivel, fazendo politica mesquinha, perseguindo os contrarios de uma forma tál que leva a sua regeneração a ponto de, como medico, não passar atéstados senão aos que vo-tam com ele!

Diz em voz altá que é pedreiro livre e que é republicano; por circunstancias es-peciais trabalha com o Hintze Ribeiro como ele diz. Alem disso... é sempre o mesmo!

No entretanto, Videira tinha, como to-dos nós peninsulares, um pontó fraco, essen-cialmente fraco: amava. Manuel Duarte Videira, revolucionario e venerável, era então noivo duma menina de Coimbra.

Mas, indubitavelmente, o rábula da Loja Academia Livre, o João das Regras como ha pouco lhe chamei, enfim o «espirito gen-til» de todos eles, era sem duvida alguma o Manuel Augusto Martins, o Irmão Ora-dôr — a quem chamavam não sei porquê o Adrião.

Era, ao tempo, bacharel formado em Direito e ia esperando concurso para professôr do Liceu, dando lições e explicações com que se sustentava. Era pobríssimo.

Era inteligente, mesmo muito fino, penetrante, e ao mesmo tempo muito instruído; falava sobre qualquer assunto com circunspecção, sem duvida, mas com consciencia. Reservado, falando só quando queria, tendo uma ironia facil nas conversas, era, contudo muito simpatico; quando pensava necessitava de qualquer coisa na mão: um lapis, uma caneta, um papel, para fazer voltar com movimento continuo.

Era o oraculo da Loja e, como tal, tinha o lugar de Oradôr; a sua palavra vinha sempre encerrar as discussões ás vezes com uma frase rábula como todos os diabos mas á qual ninguem se atrevia a responder.

Porem, ao contrario do Videira, tinha um forte: era ginasta, desembaraçado a valer em exercicios de agilidade e fazia equilibrios em arame no que era eximio.

.

Um outro de nome na Loja e também como os dois anteriores Cavaleiro da

Rosa Cruz, era o Paúl: Joaquim Sá Mesquita Montenegro Paúl ou, simplesmente — o Paúl. Era também estudante do 4.º ano de Medicina.

Este Paul era, na verd.e, um bom tipo! Era poeta, era pretendente a homem de espírito e a conquistador. O José Ferrão que tinha uma maneira especial e sintética de definir os rapazes, definia-o por uma frase única:

— O Paúl é um burro...

Um burro certamente não seria; mas muito especial era ele!

O seu lirismo era quase anacreontico, todo dedicado a uma senhora de Guimarães. Um dia confiou-me um livro — uma especie de album — onde havia uma serie de poesias: que o lesse com atenção (disse-me ele) que lhe aplicasse o meu senso critico abalisado e depois que lho dissesse...

Como eu me encarreguei da ardua e honrosa tarefa, di-lo o seguinte caso: uma noite tirei o volume de versos da gaveta onde o arrecadára, abri-o e o que vejo?

Subordinada ao titulo de Pela meia-noite, a seguinte poesia escandalosa de ultra romantismo:

« Desenrola o cortinado
Desse teu leito de neve,
Que venho cantar de leve
A canção de um namorado... »

E por aqui adeante, ardendo em desejos, febrecitante, pedindo coisas esquisitas... Pobre Paúl!... Eu confesso que não procedi bem; mas peguei num bocado de papel e comecei a parodiar esse documento de piégas sentimentalismo:

Vem, oh filha! com ternura
Abrir-me já essa porta:
Vem ouvir nest' hora morta
A canção dum padre-cura:
. . . .
Não tenhas medo
Que esta cêna
Fica em segredo...
. . . .

Desgraçado Paúl! A crítica abalisada foi esta... Não sei se ele o soube, mas muita gente deveria dar com um sonetosinho á tal menina de Guimarães que terminava, como a uma mulher perdida, pedindo pão pão queijo queijo, nem mais nem menos do que isto:

D - 35

Quero sorrisos,
Quero desejos
Quero viver . . .

e que eu, na paródia, terminava assim:

Abre-me a porta!
Quero . . . comer,
Quero dormir . . .

Sim, bom Paúl! bom patêta, no fim de contas: não quero mentir mas eu gostei-te muito! . . . E chega-se, afinal a concluir que o mundo está para os tolos . . .

Tinha arrufos durante os trabalhos como qualquer menina namoradeira; embezerrava . . Quando fazia propostas nas sessões via-as sempre, quando eram da sua lavra, reprovadas; e quando discursava sofria a falta de oratória e de dicção pelo sorriso alegre que lhe brincava nos lábios quase sempre abertos.

Ninguem lhe ligava importancia. O Paúl era . . . o Paúl. Tinha meiguices equívocas e, na tuna, a que já me referi, tocava pandeireta.

O Cruz dos incendios, ou o Cruz do Janeiro ou ainda o Irmão Caserio Santo, era uma personalid.^e^ curiosa no meio daque la turba-multa de rapazes de todos os feitios — desde o anarquismo do Adrião Martins, ao republicanismo conservador do Rosa Fal cão ou do socialismo integral do José Farrão ao lirismo do Paul.

O Cruz era, em primeiro lugar, um futrica; era correspondente do Primeiro de Ja neiro e chefe ou coisa que o valha dos Bombei ros Voluntarios de Coimbra.

O seu fundo era a falta de caracter; con tava coisas tetricas que fizera em conspira ções, a parte que tomára no 31 de Janeiro (porque é conveniente notar: o 31 de Janei ro foi uma especie de desembarque no Minde lo: toda a gente, passado o perigo, foi dos sete mil e quinhentos bravos...) e que ele conta va com grande ar de convicção embora com certo ar seco e ressequido.

Sem duvida alguma, é muito inteli gente e tem ilustração razoavel; escrevia, an tes do tempo a que me estou referindo, em jor nais anarquistas, correspondia-se com o

celebre anarquista francês Flamon e evangelizava salvando burguêses nos incendios de Coimbra.

Um dia, porem, entrou numa questão de carnes com a Camara Municipal (dizia-se que pago por um homem que queria o monopolio); a questão azedou-se ao tempo em que vagou o lugar de Inspector dos incendios. O presidente da Camara, o Doutor Dias da Silva parece que lhe acenou com o lugar e a questão das carnes, se a memoria me não falha, derivou para melhor campo e o Cruz que, como chefe dos Bombeiros Voluntarios guerreava acerrimamente os Municipais, agora, como chefe dos Municipais e Inspector, continua no mesmo papel guerreando os outros...

O seu anarquismo foi amansando; e hoje, farto de salvar burguezes e as propriedades dos mesmos, o antigo proprietario de O Carrinho[1], o antigo panfletario das grande revindicações sociais, o amigo de Flamon, com quarenta e tantos anos, vai casar rico e arranja votos para o partido

---

[1] Jornal anarquista de 1897.

Progressista. E hoje vê-se passar pelas ruas de Coimbra, guiando uma bela parelha de mulas médias, da Câmara Municipal, solene e grave, burguês como todo aquele a quem muita vez pensou em lançar uma bomba, subrepticiamente, aos calcanhares...

E' no fim, resumindo, um pulha.

Coimbra: Fevereiro a
Março de 1907.

*

Isso que aí fica desde o começo do capítulo a pag. 250, foi escrito em Coimbra, em 1907, com bom humor e, devo dizer, com verdade. Não alterei, na cópia, uma palavra do que então ficou escrito; e para foi não continuar com os retratos dos Irmãos da Academia Livre porque tinha ainda a memoria fresca e não receava falsear. Porem surgiu a questão academica em Março e a minha atenção foi bastante desviada. Hoje, não seria capaz de escrever assim tão ligeiramente e com tanto humorismo.

Seriam, na verdª, interessantes e mais ou menos correctos, os meus juizos a respeito de outros Irmãos; hoje, ao fim de tanto tempo,

só breves palavras poderei dizer acerca delas. Vou, todavia, tentar lembrar alguns com a possível exactidão.

Outra figura predominante era o Manuel Francisco Neves Junior, também quartanista de Medicina, alto, desempenado, com grandes bigodes; era rapaz considerado sério, até austero na sua vida particular. Natural da ilha do Faial, era muito simpático, dotado de muito bom senso, ponderado, e de fina educação. Lembro-me bem de que era respeitado e muito estimado por todos.

Tinha também certo predomínio o Francisco Fernandes da Rosa Falcão, rapaz forte, de gestos difíceis mas com facilidade oratória. Cara redonda, olhos á flor do rosto, dava a impressão dum bonacheirão. Era revolucionário ainda da chamada revolta do Basílio Teles de há uns dois ou tres anos antes; falava clara e energicamente embora com fraseado banal e devo dizer que os seus ensinamentos de ordem política me impressionavam pela naturalid.e e pensatez e seriedade com que era dados. Era rapaz com certa cultura e

considerado por todos como sincero e leal. Infelizmente, depois de formado foi advogar para Ancião onde casou rico e onde se meteu na política local um tanto ou quanto chegado a um dos partidos monárquicos e depois de proclamado o regime republicano foi sempre um moderado e fez política de captação. No período sidonista foi Governador civil de Leiria e, creada a Relação em Coimbra foi nomeado secretário da mesma até que, com o movimento de 28 de Maio foi para Lisboa como chefe de gabinete do ministro Manuel Rodrigues de quem, dizia-se, era mais do que o chamado braço direito porque era também o cerebro.

Uma nota curiosa: o Rosa Falcão era de Miranda do Corvo mas tinha a sua casa em Lamas onde ia muita vez quer no tempo em que residia em Ancião quer depois de residir em Coimbra. Mas quer de Ancião em carruagem ou de Coimbra, passava na vila sempre com as cortinas do carro puxado a mulas, bem corridas e fechadas. Não seria para não ser conhecida a sua passagem porque o carro era familiar e não atravessava a vila despercebido; mas, se-

gundo se dizia, procedia assim porque não queria nada com os mirandenses — o que dava azo a comentários.

Contudo, ao seu enterro, em 1932 salvo erro, a vila concorreu em grande pêso.

Havia outros rapazes como o Testo-nio José da Fonseca, de Rio Côvo, concêlho de Barcelos e o José Cesar de Carvalho Vale e Vasconcelos, de Cabeceiras de Basto, quinta-nistas de Direito, bons rapazes, serios, edu-cados, liberais, mas sem personalidade.

Eram do Minho e uma vez formados para lá foram e lá seguiram a vida de qual-quer bacharel pertencente a familia de certo prestigio na terra. Nunca mais tive noti-cias deles e muitas vezes me lembram ao remexer numa caixa de retratos antigos en-tre os quais os destes dois companheiros q. segundo a praxe do tempo, me ofereceram por despedida.

Lembro aqui tambem o Abilio Fernan-des que era conhecido na república da rua das Esteirinhas por «o caleiro». Muito bom rapaz, bem educado e prestavel mas

muito pouco inteligente. Depois de repetir varios anos formou-se em Medicina e foi fazer clinica para Vilela, nos arredores de Coimbra como medico municipal. Veiu a casar ali com a filha do seu antecessor, já retirado do serviço e depois de vida cheia de dificuldades e até de perseguições odientas durante a actual situação politica, morreu nas minhas visinhanças ainda ha pouco tempo.

Tive muita pena dele. Eramos amigos embora poucas vêzes nos encontrassemos, cada qual na sua vida e na sua tarefa. Na minha iniciação foi ele o Irmão Terrivel, o que me conduziu vendado pelos corredores para o subterraneo e deste para a sala de sessões.

Bom Abilio Fernandes!

Dos outros, com franqueza, já me não lembro nem possuo já elementos que m'os façam recordar.

Quanto aos trabalhos da Loja nada direi agora porque merecem capitulo especial que abrirei adeante, a seu tempo.

De comêço, a m.ª acção foi quase, por assim dizer, de comparsa; mas depois lancei-me um pouco na baralha quer duran

te o tempo da Escola do Exército quer a seguir, quando me fixei em Coimbra.

Em capítulo especial, pois, ligarei estas tardas á narração das andanças posteriores.

Não se perde com a demora.

Lisboa: 6-Outub.º-1956

Coimbra: Fev.º-Março-1957.

VI

« . . . . um pálido reflexo
Do tempo q. passou e q. não volta mais. »
G. Junqueiro : *Musa em férias*. Dedicatória.

Com o assentamento de praça no regimento de Inf.ª n.º 23 e o ingresso na Maçonaria, eu entrava (talvez possa dizer) em nova fase da minha vida.

Quanto á tropa, como estava de licença registada por um ano, tinha o sossêgo garantido; mas a respeito da Maçonaria, essa impunha-me certas obrigações de consciencia e alguns trabalhos que de muito bom grado procurava prestar.

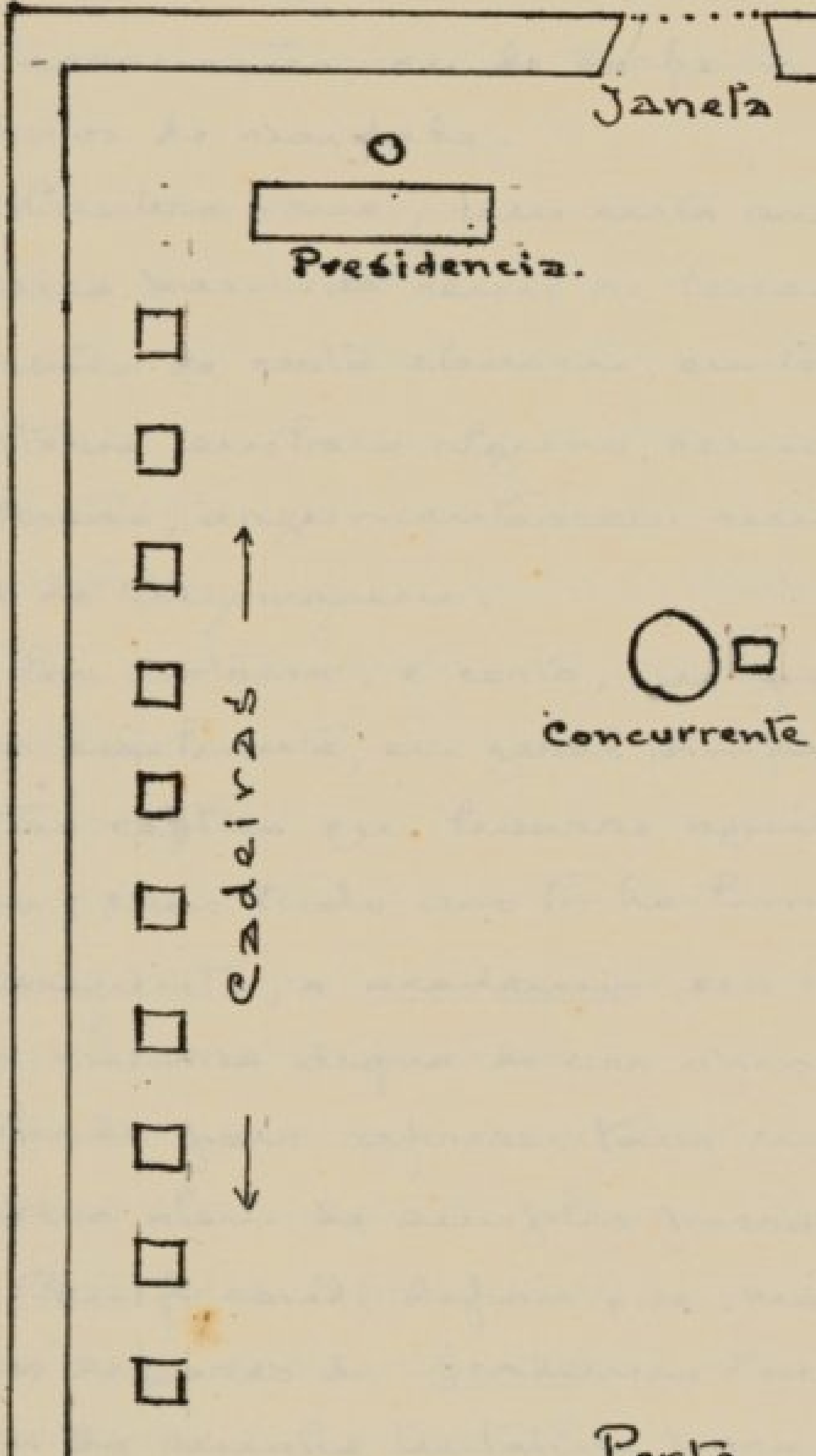
Novos conhecimentos alargavam o âmbito das minhas relações quer as académicas quer as *futricas*; e como, apesar de alguma dóse de misantropia que ainda me

pesava, eu encontrei novidade naquele novo ambiente e senti-me rodeado de certa simpatia — tentei novamente pôr em andamento a academia que no ano anterior funcionou na mesma casa da rua das Estrelinhas.

A ideia não foi recusada e a ingénua (ingénua, sim, porque não?) instituição recomeçou os seus trabalhos em 11 de Novembro com a apresentação da dissertação de concurso para a cadeira de Direito Civil, do Albano de Seiça Moncada que no ano anterior não apresentou por qualquer motivo que se me escapa já da memória.

Bons tempos esses em que numa sala nua, apenas com cadeiras arrumadas ao longo duma parede, uma mesa ao fundo, ainda estou a ver, entre o canto e a janela, e em frente da série de cadeiras uma outra junto de mesinha pé-de-galo para o apresentante de teses ou dissertações de concurso — se debatiam problemas a sério quer esses problemas fossem postos com intenção reservada de chacota por alguns, quer fossem, como os meus, apresentados convictamente!

A sala das sessões



Eram na verdade tempos bons em q. havia alguma fé e se não desperdiçavam os dias em discussões apaixonadas sobre desportos violentos, filhas de rivalidades fundas entre associações, ou de despeitos de jogadores cheios de vaidade.

Lembro-me, com certa saudade, da maneira pautada como se levantavam discussões de certa elevação, em termos até de cortesia embora alguns, como o José Mª Dias Ferrão, argumentassem com certa violencia de linguagem.

Eu notava, é certo, que poderia haver no ambiente, em geral simpatico, um ou outro capricho que levasse aquilo de brincadeira; mas tudo isso tinha limites e, no seu conjunto, a academia era uma tentativa curiosa digna de ser aproveitada e ampliada pois representava mais alguma coisa alem de simples passatempo.

Compreendi depois que, nos anos anteriores, os rapazes da Academia Livre se serviram da minha tentativa para apuramento do caracter e das ideias de futuros irmãos; e eu, sem me importar com esse aspecto que aliás se não perdeu, man-

tive o entusiasmo pelo agrupamento cul
tural a que dei sempre uma finalidade di
ferente — que era, vaidosamente o confes
so, a possivel transformação da mentali-
dade academica bastante frivola e despreo
cupada.

Este grupo numeroso de estudantes
que se reunia na rua das Esteirinhas vi-
nha ainda mais ou menos da tentativa
de revolta republicana que ficou conhecida
pela «revolução do Basilio Teles». No sub-
terraneo do predio estavam então a enfer
rujar-se algumas espingardas e revol-
veres adquiridos para a insurreição. Era,
pois, um agrupamento de rapazes republi
canos em que o Manuel Francisco Neves e
o Manuel Augusto Martins, homens fei-
tos e com personalidade mantinham su-
premacia e temperavam com sisudez cer
tos arrebatamentos dos outros ou mais ro
manticos ou mais despreocupados.

Era na verdˆ. um fóco revolucioná-
rio onde fui cair quando, no ano ante
cedante, perante a minha insistencia da
organização da academia me ofereceram
propositadamente a casa.

Não perdi com isso pois a minha formação no sentido dos problemas politicos e sociais já vinha, como atraz mencionei, mais ou menos orientada; e só ganhei com a nova convivencia e os novos estimulos.

A minha academia e a loja maçonica irmanávam-se, pois, a meu ver no bom sentido; se uma tinha intuitos de cultura e valorização de tendencias literarias, historicas e sociais, a outra, de intuitos revolucionarios ia formando gerações sucessivas de homens do futuro. E se é certo que de todos aqueles rapazes só uma pequena percentagem atravessou incólume o periodo agitado até 1910 e até este ano da mudança de regime se aguentou dentro dos moldes, a verdade é que raros foram os propriamente renegados e a maioria, embora se adaptasse mais aos interesses do que aos principios, sempre manteve certo espirito liberal e certo aprumo que depois daquele ano deveriam aparecer e a tornou boa colaboradora do regime republicano implantado.

Foi, de facto, um bom cadinho em que se encontráram em ~~[illegible]~~ ebulição um sem numero de espiritos novos, aptos a recebe-

rem as impressões mais ou menos fortes que surgissem e que teriam de ficar com maior ou menor marcação.

Lembro-me com saudade dessa república da rua das Esteirinhas e ainda quando o acaso me faz passar pela rua, olho o prédio com ternura e evoco fugazmte qualquer episodio desse tempo. E agora que estou a rememorar essa quadra, mais me obriga a pensar como é que eu, passando por tal ambiente, integrando-me nele com tão boa vontade, me deixei levar p.a uma profissão tão contraria ao espirito e ás intenções de tudo aquilo. Penso que havia em mim forças contraditórias e que o orgão central não tinha força ou capacidade para decidir; eu, de certo, não via o que haveria no exercito de contrario ao meu ser, quanto a profissão me obrigaria a uma ou outra renuncia e me entalaria em moldes para que não fôra feito.

Haveria resquicios do sangue dos avós Bustorffes que do seculo XVIII até Evora-Monte foram em grande parte militares quer ainda no velho regime, quer na Guerra Peninsular ou ainda durante as Lutas Li-

heróis em que alguns deles se bateram por D. Miguel? E seriam esses resquícios que me deram tão intensamente a admiração pelo façanhudos heróis da nossa história que me encheram um período da mocidade como já referi?

Sei lá! Esse problema das influencias ancestrais são tão difíceis e melindrosos!

Seja como fôr... Valerá a pena estar aqui a procurar descriminar, a dissecar esse período de mocidade para concluir razões que me levaram a ingressar numa classe em que afinal (e felizmente!) eu nunca me integrei e em que fui sempre elemento não direi quase estranho mas simplesmente oposto? Não vale, de certo, comentar mais e querer achar origens edificais de encontrar.

O que nesse ano lectivo me enchia a fantasia era o espírito revolucionario dos rapazes da republica e dos seus aderentes e os progressos e a repercussão da minha academia que alargou o seu ambito e procurava maior expansão.

Soberana ilusão a dos 19 anos! Como o meio seculo que passou transformou

Dr-37

tudo: a mocidade escolar, hoje tão diferente e o modesto estudante de então que é o velho caprico que isto escreve...

Vamos, pois, ver os trabalhos da academia:

Antes do começo dos trabalhos aprovou-se o regulamento interno e nova organização docente, isto é, alterou-se o numero das cadeiras que ficaram assim distribuídas:[1]

I Grupo: Jurisprudencia:

1ª: Direito natural

2ª: " romano

3ª: " publico, administrativo e constitucional

4ª: Direito civil e processo civil

5ª: " penal

6ª: Economia politica e finanças.

II Grupo: Historia e Literatura:

1ª: Historia portuguesa

2ª: " antiga e Idade media

3ª: " moderna

4ª: Literatura portuguesa

---

[1] Ver atraz pag. 202 e 210.

5ª: Literatura antiga e da Idade-media
6ª: " moderna.

Desapareceram, já que não lembro por que motivo, as cadeiras de Medicina, e ampliou-se o numero das de Direito e das de Historia e Literatura. E como o Manuel Augusto Martins ia sair de Coimbra, foi eleito com o nome de Presidente-reitor o José Maria Dias Ferrão.

E assim, em 19 de Novembro, realisou-se a prim.ª sessão do ano lectivo ou academico de 1899-1900 com o concurso de Albano de Beiça Moncada á 4ª. cadeira ou seja de Direito civil e processo. A dissertação era sobre a Não retroactividade das leis e nela argumentaram o Mario Duque e o José Ferrão. Foi aprovado nemine mas com 10 valores.

A 3 de Dezembro seguinte, nova sessão dividida em duas partes: na prim.ª parte discutiu-se uma consulta apresentada por José Ferrão[1]; na segunda parte procedeu-se ao acto de Licenciado de Artur Hintze Ribeiro Nunes.

Não encontrei entre os papeis o novo

---

[1] Não encontro a consulta. Perdeu-se.

regulamento mas lembro-me de que a organização era calcada sobre a universitária e os novos candidatos teriam de passar pelo acto de Licenciado p.ª depois se apresentarem ás téses, etc.

Pois o prim.º que se abalançou á licenciatura foi o Artur Nunes, concorrente á segunda secção; a dissertação tinha por titulo: Importancia para Portugal da independencia do Brasil em que eu fui arguente. Teve que defender tres pontos: um para a 2.ª cadeira: Guerras medicas em que argumentou o Mario Duque; outro para 3.ª cadeira: Independencia dos Estados-Unidos em q. foi arguente o Albano Moncada; e o terceiro para a 4.ª cadeira: Escola provençal em Portugal em que argumentou o José Ferrão. Foi aprovado nemine discrepante com 14 valores.

Este Artur Nunes já aqui falado e de quem ainda falarei muito, era mais um rapaz que se atraía e se experimentava. Espirito liberal, desempoeirado, é certo; não mostrou adaptar-se, porem, ao ambiente.

Outro que se procurou atraír foi o estudante de Direito Adriano Vieira-Coelho de quem já atraz falei. Inteligente, trabalhador,

com facilid. de argumentador, em breve mostrou o que viria depois a ser. Concorreu á I Secção, de Jurisprudencia e realizou-se o acto de licenciatura a 14 de Dezembro.

A dissertação tratava da Liberdade de Imprensa e foi arguente Antero H. Ribeiro Nunes; o ponto p.ª a 1.ª cadeira era: Concepção da sociedade em que eu fui arguente; o ponto para a 2.ª cadeira: Religião romana e influencia social em q. foi arguente o Mario Duque; e o ponto para a 4.ª cadeira: Os gregos na Peninsula Iberica foi argumentado pelo José Ferrão. No fim foi aprovado nemine discrepante, com 13 valores.

Nesta sessão de 14 de Dezembro resolveu se organizar estatutos e foram escolhidos para isso o Mario Duque e eu.

Seguiu-se em 17 do mesmo mês de Dezembro o acto de licenciado do estudante de Direito Luis Martins, concorrente tambem á I Secção. Apresentou dissertação: Codificação em Portugal que foi discutida pelo José Ferrão. Os pontos foram: p.ª a 1.ª cadeira: A sociedade como organismo em que eu argumentei; para a 2.ª cadeira: Destino do Direito Romano depois da queda do Imperio em que foi arguente o Ma-

rio Duque; e para a 4ª cadeira: Os romanos na Peninsula Iberica em q. devia argumentar o Albano Moncada mas, por doença, substituido pelo José Farrão. Foi aprovado simpliciter com 9 valores.

Seguiu-se depois, não sei em que data porque nos apontamentos guardados não a encontro, o Mario Soares Duque que requereu acto de licenciado — não me lembro já por que razão.

A dissertação tinha por titulo: O casam.^to no antigo direito de Roma que foi discutida pelo Adriano Vieira Coelho. Os pontos foram: para a 1ª cadeira: Os agregados sociais: familia, etc. em q. argumentou o Luis Martins; para a 3ª cadeira: Centralização e descentralização administrativa e sédes das capitais politicas e administrativas em que argumentou o José Farrão; e ponto para a mesma cadeira: Historia das nossas constituições politicas e divisão dos poderes nas Constituições de 1822, 26 e 38 em que eu argumentei. Foi aprovado nemine com 15 valores.

E pronto!... Não encontro mais quaisquer sinais da actividade academica. No au-

tratamento, pelo que aí fica que está copiado das notas que ia tomando no tempo, logo a seguir aos trabalhos (e por consequencia verídicas) — vê-se que se procurava fazer qualquer coisa de util e, ao mesmo tempo, não deixávamos os creditos por mãos alheias.

Estavamos aptos para discutir tudo! E ainda hoje me admiro como eu me atrevia a discutir assuntos p. que não estava, evidentemente, preparado. Era a boa vontade e o entusiasmo pela empresa que me levava aquele descaramento; o que eu não queria é que a academia acabasse.

A dificuld. maior estava no recrutamento ou adesões. Os rapazes, em regra, tosçavam quando se falava na academia; a escolha era sempre cautelosa, pois não queriamos intromissões de barulhentos ou trocistas. Todavia neste 2º ano tivémos a mais tres rapazes que não entrariam com grande sinceridade no quadro mas lá foram com cara alegre e por lá passáram sem novidade. Quero crer, até, que alguma coisa ganhariam com a passagem e a convivencia alegre dos outros não só debaixo do aspecto da cultura como do aspecto politico.

Eram esses rapazes:

Artur Häntze Ribeiro Nunes, de quem já falei atraz a pag. 114 e de quem terei ainda de falar muito mais.

Adriano Vieira Coelho de quem tambem atraz falei suficientemente.

Luis Martins, bom rapaz e modesto, então no 1.º ano de Direito; era natural de Coimbra, filho dum negociante de secos e molhados na Praça do Comercio. Inteligente, mas pouco culto; formou-se depois dum curso regular e morreu muito novo não me lembro já de que doença. Tinha a alcunha, não sei porquê, de Pisorga. Possuia boas qualidades de caracter; era amigo dele e merecia a amisade dos outros.

Ainda possuo o seu requerimento p.ª ser admitido, bem como dos outros. Arquivo-os com outra documentação curiosa da minha vida.

Esta academia merecia, realmente, uma historia mais minuciosa. Foi, de facto, um empreendimento curioso e possivelmente inédito no meio academico de Coimbra. A memoria, porem, não me dá já os pormenores necessarios para essa historia; e

se não conservasse tantas notas tomadas na ocasião, ser-me-ia extremamente difícil deixar aqui o que deixei escrito.

Com o acto do Mario Duque houve suspensão de trabalhos; não me recordo já porque essa suspensão se deu tão cedo, certamente em Janeiro de 1900. As minhas notas não acusam qualquer outra actividade e, no fim do ano lectivo como deixei de pertencer á academia por ir para a Escola do Exercito, ninguem mais se preocupou com tal tarefa — e a academia morreu.

O ano lectivo seguiu normalmente quanto aos estudos oficiais o que corresponde a dizer que mantive a mesma calmice do ano anterior, entremeada com literatices embora mais brandas.

Ha desse periodo umas cartas com pretensões a literarias, dirigidas ao Mario Duque e ao Costa Ferreira e mais alguma versalhada em que aparecem vilancetes galantes feitos por desfastio, a quererem lembrar, com forma ingénua e simples os vilancetes camoneanos. Quanto ás cartas, teem seus ares superiores, com prosa a querer ser em

dita e conceituosa... Bons tempos! Com-
penso toda esta epistolografia em volume m.^to
citado já a que dei o nome de Pecados velhos.

Entrei neste ano lectivo para a Asso-
ciação Academica. Fui proposto pelo José Fer-
rão e aprovado em sessão de 15 de Março de
1900. Guardo o oficio em que me é comuni-
cada a admissão assinado pelo infeliz Fran-
cisco Martins Grilo, secretario da associação,
com quem depois lidei muito em trabalhos
maçonicos — no que ele era praxista consu-
mado.

E a proposito, vou contar um caso que
não deixa de ser curioso. E' claro que paguei
sempre as quotas da Associação até deixar de
ser socio quando fui para a Escola do Exerci-
to. Passados anos, em 1906-1907, quando me
matriculei novamente na Universidade fui
á Associação declarar que desejava conti-
nuar sócio; percorrendo as então modestas
instalações notei um grande quadro numa
parede que vi ser um Quadro de honra dos
socios que pagaram integralmente as suas
quotas... Achei estranho o caso e qual
não foi o meu espanto quando vi que nes-
se quadro havia apenas uma escassa meia

duzia de nomes entre os quais o meu...
O quadro seria estimulo que não deu grande resultado: apenas escassa meia-duzia, entre milhares de rapazes que por lá passáram teve o cuidado de ficar em dia com as quotas mensais...

Ainda existirá esse quadro? Que belo documento não seria para a historia da Academia coimbricense!

E assim correu o tempo. E ainda me lembro bem de que [redacted] nessa altura me lancei a ler os *Miseraveis* de Victor Hugo e ainda tenho presente a impressão que me causáram os capitulos relativos á revolução de 1830, os episodios das barricadas, e principalmente o da casaca vermelha do velho. Tudo me veiu sacudir o antigo entusiasmo por todos os actos de emancipação. Lembro-me de que esses episodios foram lidos em dias de calor e eu me estirava numa cadeira de lôna, no quarto, deliciado com o heroismo dos revolucionarios.

Eram os variados avós a lutarem no meu pobre sangue contraditorio; mas desta vêz não eram os Bustorffes que levávam a melhor...

Quando se aproximou o verão e as tardes começaram a crescer, eu e o José Sobral e mais um ou outro, dávamos grandes passeios a pé, muitas vezes pela encosta dos Tovins até ao Picoto, nesse altura sem a nomeada de hoje, conhecido apenas pelo nome de Picoto dos Barbados.

Era, então, um deserto. Havia a velha estrada que dos Tovins levava á Carapinheira da Serra, á Cova do Ouro, ao Alcambeiro; e nessa velha estrada, ao chegar ao planalto, existia apenas uma casa terrea, do mestre de obras Benjamim Ventura, no meio dum terreno que o dono ajardinou e encheu de arvores para recreio de familia e para a reunião dum grupo de amigos que, de vez em quando, lá ia fazer sua patuscada.

Esse grupo passou a chamar-se Grupo dos Barbados e daí o popularizar-se o local com a designação de Picoto dos Barbados — designação que, a pouco e pouco, com as modificações feitas posteriormente foi desaparecendo até voltar á simplicidade do antigo nome que era apenas de Picoto.

Ora na casa do Benjamim Ventura na parede que deitava para o caminho ha-

via uma especie de alminhas com um painel de S.to Antonio, em azulejo; e por baixo um orificio p.a caixa de esmolas por intenção das almas do Purgatorio. Esse orificio dava para o interior da casa e, quando o Grupo dos Barbados se reunia, abria-se a caixa e recolhia-se a soma que a credulidade do povo que por ali passava ia deixando moeda a moeda.

E' claro que a importancia encontrada era, em regra, mais do que suficiente para pagar a proxima patuscada. E assim os Barbados se foram divertindo á custa do pobre serrano que confiava no bom taumaturgo que guardava as alminhas.

Esse grupo era chefiado pelo dito Benjamim Ventura, homem inteligente, com qualidades de artista, discipulo de Antonio Augusto Gonçalves nos primeiros tempos da Escola Livre; bom entalhador e mestre de obras mas de caracter um tanto ou quanto fraco.

Entravam no grupo varios artista de que me não lembro e o José Pinto de Maia, meu condiscipulo no Liceu e se formou depois em Medicina, em 1907, salvo erro e seguiu p.a o quadro medico do Ultramar onde contraiu a tuberculose de que veio a morrer rela-

vivamente novo. Tinha começado a vida como estucador, como o pai, um belíssimo artista que modelava correctamente e era homem considerado m.to sério.

E assim se celebrisou o Picôto até o dr. Manuel Braga tomar conta daquilo e querer, com o Torres Garcia, fazer estancia de turismo — hoje mais ou menos abandonado.

Ora neste ano lectivo também se deu um caso que, embora em ambito academico restrito, não deixarei de contar porque o principal figurante foi um rapaz que depois teve nome e ficou marcado como um dos martires da ocupação angolana.

Refiro-me ao Sebastião Roby morto numa cilada durante a campanha de 1915 no sul de Angola, ao tempo capitão de Infantaria. O nome completo era, lembro-me bem, Sebastião Luis Faria Machado Pinto Roby de Miranda Pereira, nome de que ele fazia certo luxo.

Era excelente rapaz, e estava matriculado em Algebra e Geometria descritiva, preparatorios para a Escola do Exercito; mui-

to preocupado com a sua fidalguia, era no entretanto, delicado, simpatico e afavel, sempre aprumado ora de capa e batina ora fardado de soldado de Infantaria nº 8. Era de Braga, e morava no velho palacio de Enfias, rodeado de tradições e preconceitos.

Os rapazes que se davam com ele levávam, uma vez por outra, para a brincadeira o tamanho do nome e as preocupações heraldicas da casa de Enfias; ele defendia-se com delicadeza e aprumo e fazia ver que esses motejos vinham de quem não compreendia o valor da nobreza, etc. etc. E' claro que a discussão, aliás sempre correcta, redundava em brincadeira.

Ora aconteceu que um dia o Artur Hintze Ribº Nunes que era muito garoto, caçôou de mais acerca da casa de Enfias; e como era 2º sargº de Artelharia, a caçoada foi talvez um pouco alem do que devia ir, se atendermos á bondade do Roby e á sua correcção de maneiras. Este aprumou-se e como era soldado fez saber ao Artur, 2º sargento, que estáva abusando da sua superioridade militar e que pedia licença para se queixar superiormente. O Artur que

andava habitualmente com um chicotinho que tinha nesse momento na mão, deu com ele nas botas do Roby e disse qualquer coisa de que me não lembro e voltou as costas e saiu da casa que era na rua do Loureiro, á direita de quem desce.

Esta cêna foi presenciada por outros rapazes entre os quais o Bivar Salgado e o Casimiro Barreto Ferraz Sachetti que lhe tiráram da cabeça a ideia da queixa oficial contra o 2º sargento Artur Nunes. Mas o Roby sinceramente ofendido principalmente pelas ofensas á casa de Emfias, e á chicotada nas botas, não desistia de qualquer desforço e, como fidalgo que era, recorreu então a um duelo.

Os rapazes presentes entreolháram-se e viram logo um pretexto para brincadeira e aprováram com certo calor e louváram a atitude briosa e corajosa do Roby. E o duelo ficou resolvido.

Separada a reunião, fômos logo dizer ao Artur Nunes que iria ser desafiado e lançáram-se as bases da brincadeira em que o bom Sebastião Roby, coitado, de boa fé e cheio das suas prosapias de fidalguia

iria cair ingénuamente, é certo, mas com toda a galhardia.

A' noite, o Artur foi procurado por mim e pelo Salgado que solenemente lhe participámos o desafio e que esperávamos, no dia seguinte, as testemunhas que ele indicasse. O Artur pediu ao José Carlos Pereira de Carvalho e ao Casimiro Sacchetti para o apadrinharem — e tudo isto se fez com as formalidades usuais q. fomos estudar em um codigo de duelos que não sei já quem emprestou.

Na verdade, no dia imediato, reunimo-nos os quatro na casa do José Carlos, ao cimo da rua do Loureiro, sentados á volta duma mêsa redonda e arquitectámos logo a comédia com todo o cuidado e minucia. O duelo teria de ser á pistóla porque á espada seria perigoso e a tiro era facil o engano; o Artur, com a sua habilidade manual prontificou-se a fabricar as balas com pão para duas pistólas que meu Pai tinha dos tempos em que andava por montes e vales na construção de linhas telegraficas do districto e que eu lhe pedi. E para dar tempo a que tudo se arranjasse bem, o duelo fi-

=40

com marcado para o dia seguinte, á tarde, na Quinta da Guarda Inglesa de meu Tio João Caetano — quinta que, no alto, tinha uma explanada excelente fóra das vistas indiscretas.

Nessa reunião previram-se todas as coisas entre elas a experiencia das balas que na verdade teriam de ser feitas com o maior cuidado. Arranjou-se uma caixa com pequena quantidade de cartuchos a que se tiráram as balas e se substituiram por pão amassado com tinta ou graxa; e foram experimentadas no quintal da casa de meu Pai que quiz verificar se haveria algum perigo — pois achando graça á partida, não quiz qualquer responsabilidade por ter emprestado as pistolas.

A experiencia fez-se contra alvo de papel de seda colocado a meia distancia da marcada para os contendores e verificou-se no fim de tres tiros, que o papel não acusava qualquer sinal. Estavam, pois, salvas as responsabilidades!

Ora na reunião em casa do José Carlos, fez-se a devida acta e depois, cada grupo de testemunhas foi comunicar ao seu consti-

tinente o que se resolvera. A acta, por curiosidade, aqui fica copiada; o original está arquivado nas caixas das cartas recebidas:

« Aos quatorze de Maio de mil novecentos nesta mesma cidade de Coimbra, na rua do Loureiro numero cinquenta e seis, ás sete horas da tarde, os abaixo assinados Augusto Bivar Xavier de Azevedo Salgado e Belisario Pinto Pimenta como representantes do Ex.mo Snr. Sebastião Luis de Faria Machado Pinto Roby de Miranda Pereira; e Casimiro Barreto Sacchetti e José Carlos Pereira de Carvalho como representantes do Ex.mo Snr. Artur Hintze Ribeiro Nunes, reuniram-se para liquidar uma pendencia de honra entre os seus constituintes.

« Depois de apresentados os documentos exigidos em tais circunstancias e de serem reconhecidos conformes, declararam os dois primeiros signatarios que o seu constituinte foi provocado pelo Ex.mo Snr. Artur Hintze Ribeiro Nunes por meio de umas vergastadas nas pernas e em seguida por uma carta muito pouco cortêz que lhe foi dirigida, já por ser escrita em papel comer-

cial, já pela expressão: "espero que a covardia o não faça rejeitar um unico meio de se reabilitar aos meus olhos" que este Snr. lhe escreveu e de que se julgava agravado.

«Os dois ultimos signatarios igualm.te declararam que o seu constituinte se julgava ofendido pelo Ex.mo Snr. Sebastião Luis de Faria Machado Pinto Roby de Miranda Pereira por este Snr. lhe responder a uma mera brincadeira com um violento pontapé.

«Em seguida a isto reconheceram-se as ofensas dirigidas ao Ex.mo Snr. Sebastião Luis de Faria Machado Pinto Roby de Miranda Pereira como superiores ás de que foi alvo o Ex.mo Snr. Artur Hintze Ribeiro Nunes.

«Posto isto acordaram os signatarios nas seguintes condições:

«a) O combate será au commandement.

«b) A distancia entre os combatentes será de vinte passos.

«c) Trocar-se-ão duas balas mediando cinco segundos entre a voz de fogo e o ultimo sinal.

«d) O local do combate será na Quinta da Guarda Inglesa, na estrada do Alvegue.

«e) Realizar-se-á o combate no dia

quinze de maio de mil e novecentos pelas cinco e meia horas da tarde.

« Estas condições foram ratificadas pelos constituintes dos signatários obrigando-se um e outro a cumpri-las conforme os preceitos da honra.

« A conferencia acima relatada concluí-se no mesmo dia quatorze de maio de mil e novecentos, ás 9 horas da noite.

« (aa) Augusto Bivar Xavier de Azevedo Salgado — Belisario Pinto Pimenta — Casimiro Barreto Sacchetti — José Carlos Pereira de Carvalho. »

E para que tudo fosse verosimil pedimos a um estabelecimento de armeiro na rua de Ferreira Borges um selo de caixa de balas, garantindo (porque se tratava de gente conhecida) que o duelo não passava de brincadeira inofensiva. Realmente o velho armeiro tinha numa gaveta restos de selos tirados a outras caixas e assim se dava <u>exactidão</u> possivel ao acto.

E' claro que os quatro padrinhos andáram sempre numa roda viva e soubémos que, neste intervalo, o Roby se mos-

trou sempre com dignidade; quando eu e o Salgado o procurávamos, concordava com as nossas decisões; e parece que, como católico fervoroso, passou o tempo em casa a fazer exame de consciencia para poder confessar-se na manhã do dia fatál.

Estivémos, a certa altura, para pôr as coisas a claro e dizer ao Poley a verdade; mas o Casimiro Sacchetti que o conhecia bem disse-nos que não fizéssemos tal, que o melhor era levar tudo até ao fim e não se dar conhecimento da brincadeira a ninguem. Ele, brioso como era, ficaria muito amachucado e poderia fazer alguma asneira. E na verdade assim se fez; o caso ficou entre nós e se alguma coisa transpirou foi como duelo a valer que se não podia divulgar por os duelistas serem militares.

E o bom Sebastião Poley morreu levando a convicção de que tudo se passou a sério; quem sabe se, durante a dura campanha em que ficou, ele se lembraria dessa troca de tiros na explanada da Quinta da Guarda Inglesa?

Ora na tarde do dia marcado, lá estavamos todos na Guarda Inglesa, com as-

pecto macambuzio; cumprimentámos-nos com certa cerimonia; os contendores saudáram-se militarmente porque iam fardados. Subimos lentamente os carrinhos da quinta e na explanada cumpriram-se as regras, marcáram-se os lugares dos duelistas e na presença deles arrancou-se o sêlo da caixa das balas e carregáram-se as pistolas, com solenidade.

Depois de cada um no seu lugar, o José Carlos, o mais bem falante de todos nós, ainda tentou congraçar os dois, mas sem resultado; e então o Roby puxou duma carta que entregou ao José Carlos, comovidamente, e pediu que a entregasse á Mãe se viésse a morrer ali... Apesar de tudo ser brincadeira, olhámos uns para os outros com certa comoção.

Deu-se, então, o sinal. O José Carlos bateu as palmas e o Roby que era miope, apontou e descarregou duas vezes a pistola. O Artur, é claro, impassivel! Seguiu-se a vêz deste: deu dois passos em frente, apontou, e desfechou contra o Roby que cruzara os braços e puzera os olhos no chão. Os tiros não acertaram... O pão negro das

balas desfizera-se no ar e deixára um chei ro esquisito de que outro que não fosse o bom Roby poderia desconfiar.

Os contendores ficáram nos seus lugares; e então o José Carlos avançou para o meio e com voz sonóra e soléne declarou a honra de Sebastião Roby perfeitamente ilibada, que ambos os contendores se mantiveram com brio e valor; e depois de exortação calorosa disse que não via razões para se não abraçarem e ficarem amigos como eram até ali.

O Artur Nunes, é claro, industriado, correu logo para o Roby e abraçou-o; disse-lhe que, na verdᵉ. ele fôra incorrecto, por garotice, mas lhe pedia desculpas, etc. etc. Nós quatro tambem os abraçámos efusivamente e, verdade, verdade, com alguma comoção por ver o Roby enternecido, com lagrimas nos olhos.

Descêmos para a estrada, alegremᵗᵉ e começámos a lembrar que tudo aquilo teria de terminar por uma ceia puxada a champagne; a meio caminho, o Roby já mais refeito da comoção natural, parou e declarou:

Foto da casa
de r/a Lauro

— Pois meus Amigos! Estão convidados para uma ceia em minha casa!

O convite foi acolhido com entusiasmo; e ao passarmos na ponte sobre o Mondego o José Carlos sem ninguem dar por isso lançou a caixa das balas para o rio que levava ainda certa corrente — não fosse o Roby lembrar-se de a pedir para recordação.

Realmente, daí a dias, houve ceia na casa da rua do Loureiro: ceia distinta, bem servida de comidas e bebidas que se prolongou pela noite com as inevitaveis consequencias que é escusado relembrar aqui. Guardo a ementa impressa junto da acta que atraz ficou transcrita, exemplar que, com certeza, hoje será unico.

E assim terminou o episodio que só tem valor por se tratar dum rapaz que já em moço mostrava o que viria a ser no correr da vida: homem serio, cheio de dignidade e boa fé, sempre brioso e capaz de se sacrificar — como se sacrificou pelo que ele entendia ser um dever imperioso.

Bom Sebastião Roby! Como me lembro dele muitas vêzes e o comparo, por oposição, com tantos outros! Bom, ingénuo e

digno Roby! Era homem de outros tempos que via o mundo pelos oculos da sua boa alma. Felizmente, os cinco companheiros nunca revelaram a brincadeira e ele morreu com a convicção de que se batêra a valer e salvára, naquela explanada da Quinta da Guarda Inglesa, a honra da velha e ilustre Casa de Tenfias.

E o ano lectivo foi correndo e os exames surgiram... E eu, em dia de ponto para o exame de Quimica, aos 15 de Junho de 1900, tive o descaramento de fazer dois sonetos: um a querer dar a impressão do que era um dia de ponto, o dia fatídico; e não resisto a deixa-lo aqui copiado porque é um tanto ou quanto curioso:

__Em dia de ponto:__

Andar com um casaco já usado
E co'a gola p'ra cima levantada
P'ra não ver que a gravata foi tirada
E esconder o pescoço descuidado;

E andar com ar de condenado
Em chinelos de ourela entrançada;
Co'uma calça já velha e arregaçada
E sem ter o cabelo penteado;

Com um ar triste, andando a passear
Sósinho, com um livro, a meditar
Pelo quarto acanhado, meio tonto;

Maldizendo estudo e professor
Da colica sofrendo a triste dôr...
E' isto a que se chama estar de ponto.

(15-Junho-1800)

O outro soneto, era dirigido ao Agapito Pedroso Rodrigues, sem graça nenhuma, mas em que havia um verso verdadeiro na primeira quadra: « E p'la Sciencia, em vão, em vão eu grito!...» Infelizmente era verdadeiro, isto é, correspondia inteiramente á verdade...

E aqui tenho que contar mais um outro episodio da vida academica que mostra como era feito, muitas vêzes, o julgamento dos alunos.

O caso foi este:

Tirava os preparatórios para a Escola do Exercito um rapaz Ernesto Luciano Torres, de Tarrinha, sobrinho e afilhado do Dr. Luciano Pereira da Silva, lente de Matematica. O rapaz era muito inteligente, mas cábula e todos se admiráram que na cadeira de Algebra Superior alcançasse a alta

classificação de prémio — não sei se justa se injusta. Na cadeira de Geometria Descritiva, porem, de que era professor o Dr. Arzila da Fonseca não se distinguiu; e este professor opozéra-se ao prémio em Algebra; daqui uma desavença com o Dr. Luciano e quando o Ernesto Torres fez o exame de Geometria não se aguentou muito bem e o Arzila ou com razão ou como represalia quiz reprova-lo.

A decisão levou horas. Nós, nos Gerais, sentiamos berrar lá dentro; um archeiro foi chamar o decano da Faculdade, depois o Reitor — até que finalmente a pauta veio com os examinandos aprovados nemine discrepante com excepção do Ernesto Luciano Torres que veio aprovado simpliciter, isto é, com o R do Dr. Arzila. E por inconfidencia do bedel ou de um dos archeiros que foram chamados á sala, soube-se que o Dr. Arzila declaráva que desde que o Ernesto Torres fôra aprovado, mais nenhum dos seus alunos ficaría reprovado.

Foi um gaudio para a rapaziada e eu, cabula como sempre, andava com mêdo; mas lá passei na cambulhada porque

tive a sorte de fazer o meu acto dias depois, aos 17 de Julho.

Este caso foi muito falado e, natural mente, muito discutido. E o interessante é que o Ernesto Luciano Torres, no curso da Escola do Exercito, em nada se distinguiu; ficou, até, reprovado numa ou noutra cadeira (que repetiu em Outubro) e as classificações foram tão baixas que ficou no final do curso, no penultimo lugar.

Era bom rapaz, acreançado e, durante o curso, como não tinha habilidᵉ para desenhos, era eu quem lhos fazia. Fomos sempre amigos. Terminado o curso, foi colocado em Infantᵃ nº 3, em Viana do Castelo onde em 1907 o fui encontrar quando estive em Valença do Minho. Casou lá e veio a morrer muito novo, tuberculoso e, segundo se murmurava, um pouco abandonado pelo tio Doutor que era egoista 100% e só tratava de si.

Alem deste acto de Geometria Descritiva fiz o de Algebra Superior na classe de ordinario e lá passei. Fiz tambem os actos de Desenho, 2º ano, duma e doutra Facul-

dade; no acto do chamado Desenho Matemático, em 19 de Junho, fiquei distinto — a primeira e unica distinção da minha vida escolar!

E assim fiquei com os preparatorios concluidos para entrar na Escola do Exercito e até levava bagagem a mais; e como a graduação de cadete era, ao tempo, uma preferencia, requeri-a com a documentação necessaria entre a qual uma declaração (que guardo ainda) de meu Pai, que garantia um rendimento mensal superior a 7$500 reis.(1) Lembra-me de que essa documentação ainda custou verba elevada; mas a concessão da graduação tinha a vantagem de me dar garantias no caso de não entrar para a Escola do Ex.to e ter, como consequencia de fazer serviço regimental. Segundo a legislação em vigôr que parece vinha ainda do Conde de Lippe, o soldado cadete só fazia guardas á bandeira e ordens ao comando e para efeitos de alojamento tinha honras de oficial — o que dava certo aspecto de nobreza... Veiu esta graduação em Ordem

---

(1) Arquivada nos meus papeis.

do Exercito nº. 15, 2ª serie, de 28 de Julho, transcrita em Ordem regimental de 31 do mes mo mês; e desde que tive conhecimento dis so, logo mandei pôr na manga direita da farda, o galão dourado com duas estrelas de cinco pontas.

As ferias, em parte, foram passadas na Guarda Inglesa, durante a ausencia no Gerez, de meu tio João Caetano da Silva; em parte na Figueira onde tinha a familia.

O Artur Nunes para me dar cabo dos embaraços levou-me, algumas vezes, ao picadeiro do seu quartel de Artelharia onde pratiquei bastante em muar com manta e silha, ao som dos estalos do pingalim do ar vorado em professor de equitação. Foram excelentes lições que se no começo me des reáram os rins, habituaram-me um pou co á firmeza e ao equilibrio.

Em certa altura das férias, não me lembro já da data em q. isso foi, meu tio José Augusto Pimenta mandou dizer de Lisboa que eu fôra admitido á Escola do Exercito entre perto de 200 concorrentes e fi cára numero 18, salvo erro, na classifica- ção geral da entrada, devido não só ás ca-

deiras a mais das exigidas que levava da Universidade, mas principalmente ao grau de cadete que tinha alto coeficiente para a classificação de entrada.

Estava, pois, admitido na Escola do Exercito e a minha vida estava definitivam.te decidida.

Iria ser militar, oficial de Infantaria ou Cavalaria conforme calhasse e futuro defensôr da Patria...

E com a circunstancia especial de ir começar essa vida de sacrificio com o dealbar do seculo XX, o seculo promissôr de mais luzes e de mais paz.

Foi tudo um engano, afinal, quer para a minha vida quer para o proprio seculo; ambos erramos o caminho... O seculo, então, errou-o estrondosamente, como se está vendo.

E lembro-me embora vagamente de que ás vezes meditava acerca do meu destino e pensava se teria decidido bem ou decidido mal. Mas essas meditações deveriam ser confusas, indecisas, e deixava correr o tempo como quem só confia naquilo que o Povo resume nos ditos: «o que

"tem de ser, tem de ser» ou «o que tem de
"ser tem muita força...»

Era quase a teoria fatalista a perseguir-me e a dominar-me.

E assim foi.

Paz (Mafra):
11-29 de Outubro
1956.

VII

«Je vais m'efforcer, cependant, de ressaisir fidèlement mes souvenirs.»

G. Sand: *Mauprat*, cap. IV

E assim foi, realmente.

Em Outubro de 1900, quase ao findar do seculo XIX, classificado de estupido, apresentei-me no quartel de Infantaria 23 e declarei desistir da licença registada porque fôra admitido á inspecção na Escola do Exercito. Deram-me guia de marcha para o dia 11 e deixei assim o regimento conimbricense ainda vagam.te aturdido com a resolução de me lançar á vida militar.

Mas o impulso estava dado, não era já facil susta-lo e nesse dia 11 larguei Coimbra e fui para Lisboa. Ia em minha companhia o Ernesto Luciano Torres (de quem já aqui

falei) ainda um pouco tímido, como rapaz que não saíra da sua aldeia. Fomos para o hotel Universo, ao fundo da rua Nova do Carmo, e deram-nos um quarto na sucursal, já no recanto da rua do Príncipe.

Meu Pai apareceu depois para ultimar certos assuntos que implicavam dinheiro.

Já ia com a farda feita; faltava-me o boné que mandei fazer no sirgueiro Belo, do Rossio, lado oriental; o homem admirou-se da medida da minha cabeça e declarou q. com aquela medida (que era de 0,61) só lá tinha registada a do general José Estevão de Morais Sarmento. Era uma honra para a família...

Ora em 12 apresentamo-nos, eu e o Torres, na Escola e recebemos ordem para no dia seguinte comparecermos á Junta de Inspecção. Lá fomos e ficámos aprovados sem dificuld.e segundo pareceu.

Era o dia 13...

E voltamos para o hotel á espera da resolução que só veio em 20, declarando-me admitido na Escola do Exército e abatido ao efectivo do regim.to de Infantaria 23.

Enfim, depois de todas estas formalidades cumpridas, lá demos entrada definitiva na

Escola em 3 de Novembro e eu fiquei internado no quarto 32, rez-do-chão, do edifício central, com o Artur Heintze Ribeiro Nunes, o Augusto Bivar Salgado e um repetente do 1º ano António Simas, açoreano do Faial ou do Pico, que eu não conhecia mas era já das relações do Artur.

Fiquei com os nºs 84/511 da Companhia de Alunos, graduado em 1º sargento cadete![1] E foi isto no dia 3 de Novembro, como disse; mas o ano lectivo só começou em 11, dia de S. Martinho — e coube-me o nº 154 escolar.

De entrada, o ambiente tão diverso daquele a que até aí estava habituado, abateu-me um pouco: lembrava-me a frase de D. Francisco Manuel de Melo que eu lia muito e apreciava: «qualquer mudança causa estranheza» da Carta de Guia de Casados, salvo erro. Além disso, o regime de quartel desagradou-me — mas calei para comigo a estranheza e o desagrado e procurei adaptar-me, levado um pouco pela novidade de tudo o que me rodeava e que me sugeria um ou outro comentário azedo.

---

[1] Ord. do Exto nº 26, 2ª serie, de 3.

Mas... a verdade é que o ambiente era máu, intelectualmente inferior; a rapaziada, em que havia de tudo, desde meninos bonitos dos paços reais a pobres diabos de origem muito modesta e sem educação, mostrava-se, de modo geral, ordinaria, grosseira, egoista. Como a escala de alferes, quando fossemos promovidos, dependia das classificações, a grande maioria não só se preocupava com as notas que ia adquirindo mas tambem com as dos outros principalmente daquelas que poderiam fazer sombra e passar á frente.

Muitos procuravam saber quem eram as pessoas que recomendavam aos professores; e acontecia até, quando algum rapaz alcançava nota boa, desconfiar-se de que havia ali marosca de empenhoca.

Era desagradavel tudo isto e manda a verdade que se diga que muitos professores se deixávam influenciar pelo empenho.

Havia frases sacramentais na tradição escolar relativas ás recomendações que não reproduzo porque eram obscenas e a falta de sinceridade entre os condiscipulos era moeda corrente.

Havia quem tivesse tabela de nomes de indivíduos, políticos em geral, que eram boas recomendações para o corpo docente da Escola, com valores indicativos da importância ou pêso que teriam. Assim, por exemplo, para o Cristovão Aires, a grande recomendação era a cunhada, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, cotada em 18 valores; e para esta a melhor recomendação era o Dr. António Candido. Para o Oliveira Simões o grande empenho era o então presidente do Ministério, o Hintze Ribeiro, cotado em 19 valores... Etc. etc. Havia até uma formula matemática que se empregava para significar o empenho ou recomendação forte: PV = RT — cuja leitura tem o seu quê de obsceno e envolvia a honra de certas damas intermediarias dos pedidos. Não sei já bem o que significávam as duas primeiras letras que eram, por assim dizer, o resumo de todas as recomendações; mas era vulgar ouvir-se:

— Olha lá: tu tens P.V. para Fulano?

Este Fulano era o nome de qualquer dos professores. Lembro-me, porem, da significação do 2º. termo daquela igualdade que por decencia não deixo aqui explicada.

Hoje, este ambiente, visto de há 56 anos, é simplesmente desgraçado para não dar outro nome pior.

Os condiscípulos idos de Coimbra distinguiam-se; nos de Lisboa e Porto havia grande número de verdadeiros carroceiros na linguagem, nos modos e nas relações com os outros. Tive, logo nas primeiras semanas, uma grande desilusão que calei intimamente e me levou a reduzir a convivência apenas aos companheiros de quarto e aos condiscípulos da Universidade.

Imaginava o Exército constituído por gente de outra ordem; se bem que notava rapazes finos e bem educados, notava aliás que o seu aprumo moral não ia muito alto assim como o seu nível intelectual; e quanto aos outros, nem falar nisso: fiquei sempre com uma muito baixa impressão de certos rapazes do 2º ano como o Pestana Lopes, o João Rodrigues Baptista, o Ferreira do Amaral, o Barbeitos Pinto e outros verdadeiramente réles que queriam notabilizar-se pelas garotices baixas e maneiras grosseiras. E essa impressão nunca com o tempo se desfez.

Entre contemporaneos e condiscipulos lembro alguns que depois viveram certo nome: o Alvaro Xavier de Castro, o Raul Esteves, o Henriq. Pires Monteiro, o Egas Ferreira Pinto Bastos (que foi lente da Universidade) o Abilio Valdez de Passos e Sousa, o Helder Ribeiro, o Henrique Ferreira Lima, o Eurico Sampaio Sabrino Pires, o Vitorino Guimarães, o Antonio Leite de Magalhães e Fernando Pais Teles de Utra Machado, governadores coloniais, etc.

De toda essa roda de rapazes que eu não conhecia, liguei-me, passados os mêses de adaptação, com o Helder Ribeiro e com o Sabrino Pires por afinidade de ideias, pois eram republicanos já experimentados em questiunculas academicas da Politécnica; com o Alvaro de Castro dei-me depois muito em Coimbra, no regimento 23; com o Pires Monteiro, embora mantivesse com ele boas relações, a amizade veiu depois, aí por 1920 ou 1921 quando o general Pereira Bastos como Chefe do Estado-maior General me quiz nomear director do Arquivo Historico Militar; e com o Ferreira Lima, o melhor dos amigos, só me relacionei mais tarde

por intermédio do general Francisco Augusto Martins de Carvalho, por 1916, pois na Escola nunca lidámos e até não nos conhecíamos.

Com os outros que acima cito, mantive sempre boas relações mas [redacted] sem intimidade.

E' claro que, com o tempo e com as afinidades de feitio ou proximidade dos lugares nas aulas e salas de trabalhos práticos e até no refeitório, comecei a lidar com uns e outros se bem que essas relações nada se pareciam com as de Coimbra. Assim lidei mais de perto com o Mario Ribeiro de Menezes, visinho de quarto e na mesa do refeitório, com o Carlos Maria Sepulveda Veloso, bruttamontes que foi para Cavalaria mas bom rapaz, com o Solano de Almeida, chamado «o homem fatal» — todos já desaparecidos — e outros mais q. neste momento me não ocorrem.

O regime escolar era bastante diferente do universitário: havia as aulas, os exames trimestrais escritos a que se chamavam vulgarmente conferencias não sei porquê; e trabalhos práticos, em salas, de topografia, balística, táctica, etc. Terminadas as aulas

D. 42

em Maio, seguiam-se trabalhos praticos no campo e visitas a fabricas, escolas praticas, etc. Todo este regime obedecia logo de entrada a plano fixo e assim, no começo do ano lectivo, já se sabia com precisão o que se teria de fazer até aos exames finais.

As cadeiras do 1º ano eram cinco: Organica militar, Balistica, Tactica geral, Fortificação passageira e Topografia. No 2º ano foram: Historia militar e Direito internacional, Balistica, Estrategia e tactica das armas, Fortificação permanente, Material de Artelharia e Quimica de explosivos.

Cadeiras de assuntos quase sempre aridos, sem grande interesse, especialmente as de Balistica, da Quimica de explosivos e, sobre tudo, a do Material de Artelh.ª, soporifera como os demonios se não me desforrasse com a leitura amena extra-escolar.

Quanto ao corpo docente... Havia de tudo, bom e máu.

O Cristovão Aires de Magalhães Sepulveda era figura de certo relevo, dado o seu nome de homem de letras, secretario geral da Academia de Ciencias, politico, etc. Dava as lições com agrado dos alunos, não se tornava

enfadonho, tinha aprumo e era pessoa educada. Fiquei, porem, com a impressão que com o tempo se não desfêz, de que era bastante balofo e de que o seu prestígio de historiador não tinha o verdadeiro fundamento no saber consciente. Não sei que razões externas o elevaram tanto; possivelmente o parentesco proximo com D. Maria Amalia Vaz de Carvalho (de quem era cunhado) influisse com certo pêso; não sei, mas quero crer que me não engano muito no juizo que aqui deixo.

O capitão Teofilo Leal de Faria, professor de Balistica, nos dois anos, era homem serio, bondoso e justo. As suas lições eram dadas com prolidade e correcção, com o unico defeito da monotonia da dicção — lenta e pouco variada.

O capitão de Cavalaria Bento da França Pinto de Oliveira Salema de quem fiquei com a melhor impressão pela sua bondade e pela maneira clara e honesta com que dava as lições, era sabedôr, muito correcto, e impunha naturalmente simpatia que os rapazes lhe não recuzavam — como aliás era de justiça elementar.

O tenente-coronel de Art.ª Feliciano Bordalo-Pinheiro, homem já durazio, acima dos 50 anos, pautado, macambuzio, com fisionomia um pouco sombria que lhe valeu a alcunha posta pelos rapazes de «olho de porco», tinha poucas falas, apresentava-se com ar cançado e aborrecido, mas rodeava-o algum tanto o prestígio que lhe vinha do nome e da familia. Contarei adeante o caso que se deu comigo na aula dele e que me deixou certa gratidão p.ª com a sua memoria.

O capitão de Engenharia Artur da Costa Mendes de Almeida, elegante, bonita figura, ar distinto, dava as aulas como se estivesse numa sala a recitar poesias ou cantar arias com sua vóz de baritono, em que parece era useiro e veseiro. Escolhia certas frases de efeito que ficáram na memoria de algumas gerações como aquela de que agora me lembro quando recomendava nas vesperas dos exercicios de topografia no campo: « Os srs. alunos devem calçar as botas "maximas por causa dos insultos do mato » e outras quejandas. Era, afinal, um bom homem, incapaz de fazer mal. Apenas pretencioso e cuidadoso da sua boa figura.

O major de Cavalaria Fernando da Costa Maia, professor do 2.º ano, com a aparencia de militarão não só pela figura como pela maneira de tratar os alunos, era um bom professor, compreensivo, sabedor e justo, homem culto, antigo jornalista, conviveu no Porto com a melhor roda de homens de letras e dessa convivencia lhe veiu, de certo, a forma literaria correcta que deu aos seus trabalhos. Quando morreu, novo ainda, com 51 anos, pouco depois de eu sair da Escola, escrevi umas laudas a seu respeito que me saíram sinceras e que em 1950 publiquei com ligeirissimas alterações (que eram necessárias) na revista O Tripeiro, do Porto.[1] Dispenso-me, pois, de aqui as copiar.

O capitão de Engenh.ª Luis Teixeira Cabral de Morais, transmontano, era pouco simpatico e methaqueta. Os rapazes embirravam com ele e, na verd.ª, nunca consegui saber bem o que ele era. Deixou-me más impressões, como em regra a todos os condiscipulos do tempo.

---

[1] A pag. 28-29 do n.º 2, do vol. VI (5.ª serie) de Junho daquele ano.